

Princípios litúrgicos fundamentais

É possível chegar a uma conciliação na Igreja em questão da liturgia?

Resumo

O presente artigo trata de esclarecer, a partir de princípios fundamentais, diversas posições no campo da liturgia. Por causa destas diferenças fala-se de ‘guerra entre os liturgistas’. Se queremos chegar a uma conciliação, somente será possível, quando tivermos claro os fundamentos da liturgia, e aceitarmos que a liturgia não é somente uma ciência das rubricas, como foi praticada até o início do Movimento litúrgico no fim do século XIX, mas abrange muitas outras ciências. A teologia litúrgica é uma ciência nova, que praticamente não existia neste sentido antes do século XIX. Grandes autores, como Romano Guardini e Joseph Ratzinger, tratavam penetrar o espírito da liturgia, mantendo uma posição centrada e, por tanto, foram capazes de ver a liturgia com uma grande tolerância, indispensável para alcançar uma harmonia conciliadora, para que na Igreja se manifeste o desejo de Jesús: que todos sejam um.

Summary

This article aims to clarify, based on fundamental principles, various positions in the field of liturgy. Because of these differences, there is talk of a “war among liturgists.” If we wish to achieve reconciliation, it will only be possible when we have a clear understanding of the foundations of liturgy and accept that liturgy is not merely a science of rubrics, as it was practiced until the beginning of the Liturgical Movement at the end of the 19th century, but encompasses many more disciplines. Liturgical theology is a new discipline that practically did not exist in this sense before the 19th century. Great authors, such as Romano Guardini and Joseph Ratzinger, sought to penetrate the spirit of the liturgy, maintaining a balanced perspective; thus, they were able to view the liturgy with great tolerance—an indispensable quality for achieving a conciliatory harmony—so that the Church might manifest Jesus’s desire: that all may be one.

Introdução

A liturgia é oração. É um diálogo com Deus. Não é oração privada, mas é toda a Igreja que eleva o louvor a Deus, junto com seu esposo, Jesus Cristo, o sumo sacerdote. Deus ora a Deus, o Filho ao Pai. Por isso, na liturgia há um louvor perfeito e, ao mesmo tempo, Deus santifica o seu povo, enquanto os fiéis recebem a graça santificante na celebração dos sacramentos.

Porém, é preciso saber como orar. O coração é sempre o fator decisivo, isto vale não somente para a oração individual, mas também para a oração litúrgica. Deus critica seu povo, quando diz dele: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Mas em vão me adoram” (Mt 15,8-9; cf. Is 29,13; Mc 7,6). A oração feita apenas com os lábios não tem valor. Mas quando um cobrador de impostos gagueja no templo, o Senhor diz, olhando com amor para esse penitente: “Este voltou a casa justificado” (Lc 18,14). Quando um ser humano ora, ele abre a porta do seu coração e deixa entrar a luz, o amor e a graça de Deus, e isso é alimento para a sua alma. Portanto, a pessoa que não ora, ou ora pouco, apenas com os lábios, deixa a sua alma sem alimento, afogando-se facilmente. O mesmo vale para a liturgia. Mesmo se os sacramentos operam “ex opere operato” e produzem infinitas graças, sempre depende da disposição dos fiéis, se estas graças, de fato, surtirão seus efeitos. Portanto, é urgente a formação litúrgica pela catequese mistagógica.

Muitos problemas da nossa Igreja de hoje não se encontram na dogmática, mas sobretudo na teologia moral e nas questões litúrgicas. Foi necessária uma intervenção do Vaticano no ano 2004, ao publicar *Redemptionis Sacramentum* = RS, para corrigir abusos.¹ É necessário entender as causas da inobservância do direito litúrgico nas últimas décadas.

Que podemos fazer para melhorar a liturgia? O mistério de Deus pede máxima reverência. Pelo contrário, a arbitrariedade no culto se manifesta dramaticamente, como no episódio de bezerro de ouro (cf. Ex 32). Trata-se dum culto feito pela assembleia mesma, o que faz a comunidade é auto afirmar-se. No lugar da adoração de Deus realiza-se um círculo girando

¹ “Os abusos tenham sua origem em um falso conceito de liberdade [...] Deus nos deu, não uma falsa liberdade para fazer o que queremos, mas sim a liberdade para que possamos realizar o que é digno e justo” (RS 7).

sobre eles mesmos: ‘comer, beber, divertir-se’. Um culto sem os cânones da arte sacra, sem regras, ficaria perdido.

Na questão litúrgica surgiram muitas discussões, e ainda as polémicas continuam. Certamente os ritos que a Igreja celebra, nunca serão perfeitos, uma liturgia perfeita somente encontraremos no céu. É preciso reconhecer a insuficiência de toda liturgia e, humildemente, submetemo-nos à autoridade da Igreja. Não se pretende resolver os problemas, mas desejamos lembrar algumas afirmações fundamentais, seja do Movimento litúrgico, do magistério do papa Pio XII, do Vaticano II e de Bento XVI.

1. Natureza da liturgia

Não existe uma definição clara e completa sobre a liturgia. A tradução da palavra liturgia do grego significa simplesmente a ‘ação do povo’ ou ‘ação pública’. Em geral entende-se o culto oficial da Igreja. Isto seria uma descrição insatisfeita, porque a matéria abrange diversos elementos. Os elementos principais que constituem a ação litúrgica são:

- a) É instituída por Cristo ou pela Igreja, e deve realizar-se em nome de Cristo e da Igreja;
- b) deve ser realizada por pessoas com poder ministerial e encargo oficial;
- c) deve realizar-se em conformidade com as normas estabelecidas;
- d) deve ser dedicada à glorificação de Deus e à santificação dos homens.

Para nos aproximarmos a uma definição da liturgia, deve-se incluir os seguintes elementos:

- 1) é uma ação divina, obra da Santíssima Trindade, onde a Igreja participa no diálogo intratrinitário,
- 2) realizada pelo sacerdócio de Cristo,
- 3) age em direção ascendente: é culto divino (serviço e adoração) para a glorificação de Deus,
- 4) age em direção descendente: é comunicação da graça divina para a santificação dos homens,
- 5) feito por sinais visíveis que exprimem uma realidade invisível,
- 6) é ação de todo o Corpo místico (cabeça e membros; o sujeito é o *Christus Totus*, inclui a igreja peregrinante e triunfante). A assembleia que celebra é um símbolo que representa a Igreja toda.

A parte destes elementos necessários há também efeitos secundárias na celebração litúrgica: A liturgia

- é uma epifania (manifestação) da Igreja como comunidade e Corpo místico,

- a liturgia é um anúncio (kerigma) e uma catequese – instrui o povo nas verdades da fé,

- une o povo de Deus em um só corpo.

Neste sentido existem diversos manuais que dão certa descrição da liturgia. Também os pronunciamentos do Magistério, seja da encíclica *Mediator Dei* ou o documento *Sacrosanctum Concilium* do Concílio Vaticano II, descrevem a liturgia:

“Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o “mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz”,² como sobretudo nas espécies eucarísticas. [...] Ele está presente pela sua virtude nos sacramentos, [...] a liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral” (SC 7).

Fica bem claro que na celebração da Missa e dos outros sacramentos, deve-se distinguir entre a ação divina e a ação humana, entre a rubricística e a teologia litúrgica. A Igreja executa um rito, o que provoca ao mesmo tempo uma ação divina. O celebrante principal da liturgia é sempre o sumo sacerdote Jesus Cristo, o sacerdote ministro não é mais que um instrumento, mesmo quando celebra “in Persona Christi”. O rito é a forma externa que é celebrada com palavras, gestos corporais e sinais materiais para que aconteça o sacramento, que sempre tem uma forma e uma matéria. Geralmente a forma é realizada pela palavra que produz a graça sacramental junto com a transmissão da matéria. O sujeito da celebração é a assembleia, que visa para o *Christus Totus* quem celebra: Jesus Cristo cabeça junto com todo seu corpo místico.

Assim, há sempre uma ação humana e uma ação divina. No batismo o celebrante executa o rito e derrama água sobre o batizante, mas somente a ação do Espírito Santo pode transformar a pessoa batizada num filho de Deus. Sempre há uma parte externa e visível porque Deus invisível

² Conc. Trid. Sess. XXII, Doctr: De SS. Missae sacrif, c. 2. Denz. 940.

se fez visível no mistério da Encarnação. Na celebração do sacramento, a ação santificadora divina se manifesta visivelmente na celebração do rito.

A liturgia deve exprimir de alguma forma o mistério que se realiza na celebração e ajudar os fiéis a serem conduzidos para o mistério e compreendê-lo sempre melhor. Para que a celebração alimente e fortaleça a fé, os fiéis precisam também da formação mistagógica para compreender melhor os sinais.

No entanto, sempre houve diversas formas de celebrações no oriente e no ocidente, quando se formaram diversas famílias litúrgicas especialmente a partir do século IV d.C. A forma de celebrar pode ser diferente, mas todos celebramos o mesmo mistério, dizia já Santo Agostinho.

Acerca da importância da ação humana e a divina, afirma o Papa Pio XII Na encíclica *Mediator Dei* (MD 20-22):

“Todo o conjunto do culto que a Igreja rende a Deus deve ser interno e externo. É externo porque o exige a natureza do homem composto de corpo e alma; porque Deus dispõe que “pelo conhecimento das coisas visíveis sejamos atraídos ao amor das invisíveis”. [...] “se bem que, com efeito, as cerimônias, em si mesmas, não contenham nenhuma perfeição e santidade, são, todavia, atos externos de religião que, como sinais, estimulam a alma à veneração das coisas sagradas, elevam a mente à realidade sobrenatural, nutrem a piedade, fomentam a caridade, aumentam a fé, robustecem a devoção, instruem os simples, ornem o culto de Deus, conservam a religião e distinguem os verdadeiros dos falsos cristãos e dos heterodoxos. 21: “Mas o elemento essencial do culto deve ser o interno. [...] A sagrada liturgia requer que estes dois elementos estejam intimamente ligados; [...]. De outro modo, a religião se torna um formalismo sem fundamento e sem conteúdo.” 22: “Não têm, pois, noção exata da sagrada liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos”.

1.1 Diversas disciplinas da ciência litúrgica

A partir de diversos aspectos, estão envolvidas diversas disciplinas na ciência da liturgia. Deve-se estudar considerando suas características próprias, suas funções e seus próprios métodos. Qualquer atividade humana é uma entidade bastante complexa e para explicá-la, precisa-se da

colaboração de várias ciências. E isto vale mais ainda para a ação litúrgica da Igreja, na qual Deus age e os homens colaboram no decorrer da história da salvação. Trata-se das seguintes ciências:

1) A teologia litúrgica estuda a parte invisível, a ação divina na celebração, o mistério que se realiza na ação sacramental.

2) A parte visível estuda o direito litúrgico, a rubricística, a semiologia da liturgia pelo estudo dos sinais. Esta parte está submissa a reformas segundo a necessidade pastoral ou pelo progresso e novos conhecimentos na fé (*lex orandi, lex credendi*).

3) O estudo das orações litúrgicas (eucologia) estuda estruturas, seu fundamento bíblico etc.

4) O estudo da liturgia em conjunto com outras ciências, o estudo das fontes e o desenvolvimento da liturgia no estudo da história, e seus métodos;

5) Os métodos na pastoral litúrgica (*ars celebrandi*, participação ativa)

6) A espiritualidade litúrgica (formação; catequese mistagógica).

A ciência litúrgica considera tudo, segundo sua maneira peculiar: a ação salvadora de Deus, e, também, a expressão do culto cristão na Igreja como tal. Apenas com a interação e a aplicação de diferentes métodos será possível chegar a uma determinada visão global. Distinguindo-se das outras disciplinas, a liturgia pode encontrar seu próprio lugar como ciência.

1.2 Desenvolvimento legítimo da liturgia

Durante os dois mil anos da história da Igreja, sempre houve modificações na liturgia. A liturgia cresceu organicamente como uma árvore que, de vez em quando, precisava ser podada. Como uma planta vai crescendo, como o jardineiro no seu jardim, a autoridade da Igreja deve cuidá-la. Fazer uma reforma significa precisamente isto: realizar adaptações às novas circunstâncias da vida e por razões pastorais; tirar elementos supérfluos que se acumularam durante o tempo.

Como a liturgia é a parte visível da Igreja, qualquer mudança precisa da preparação dos celebrantes e do povo, porque facilmente podem surgir problemas pela diversidade de opiniões no campo da liturgia. Certas posições, que, enquanto extremas e exageradas, podem deformar a visão sobre a liturgia e levar à perda de uma visão equilibrada. São eles: Antiquarismo, Tradicionalismo e Progressismo, que, no sentido extremo, devem ser evitados.

1) O antiquarismo (ou arqueologismo) quer retornar ao tempo de Jesus e dos primeiros cristãos para copiar aquilo que foi feito naquele tempo, praticamente não aceitando os acréscimos e modificações da Tradição. Certamente é muito bom retornar às fontes da liturgia, mas o problema é que faltam documentações das fontes e ninguém sabe perfeitamente como celebrou-se naquele tempo, ou como Jesus celebrou a última ceia. A arqueologia nos apresentou muitos novos aspectos antes desconhecidos, no entanto, estamos longe de saber tudo. Não existem filmes nem gravações do tempo de Jesus e os documentos são escassos.

2) O progressismo, na sua forma extrema, considera que a liturgia se pode modificar à vontade. Seria uma obra humana caso se permita a criatividade espontânea. No seu extremo não respeita a tradição, e pode cair numa arbitrariedade e num anarquismo total.

A razão da criatividade é muitas vezes a preocupação do celebrante sobre como poderia atrair a atenção dos fiéis para a liturgia. Certamente há possibilidade para a criatividade no sentido de dar uma boa homilia, mas não no sentido de mudar a estrutura ou de inventar novos ritos.

3) O tradicionalismo quer congelar a liturgia como uma relíquia que não permite mudanças. Tal atitude também não respeita a Tradição, em que o Espírito Santo continua agindo na história, porque sempre houve reformas, mudanças e adaptações. Mudanças são necessárias pelo desenvolvimento dogmático da fé da Igreja, e porque nenhuma liturgia humana é perfeita, então procura-se um melhoramento.

Reforma legítima

1) Uma reforma é necessária por causa das mudanças da linguagem, do progresso teológico, das circunstâncias do mundo, e porque não encontramos uma liturgia perfeita aqui na terra.

2) A reforma deve ser feita, não pelos estudiosos, mas deve-se fazer com reverência e com autoridade competente. Deve preservar-se de um espírito de novidades, não deformar, mas restaurar a pureza original.

3) Abreviação não é reforma, uma liturgia prolongada não é um defeito para aqueles que dedicam sua vida à oração. Não é um mal, se as rubricas são numerosas ou complicadas, porque os clérigos devem aprender com quanta diligência deve-se tratar esta 'Obra de Deus'. Mas para os fiéis que não têm uma formação mistagógica profunda, é necessária a simplicidade que favorece uma melhor compreensão.

1.3 Princípios para uma reforma, estabelecidos pelo Vaticano II

Para evitar cair em posições extremas, verificamos alguns princípios estabelecidos pelo Concílio para aplicar uma reforma corretamente:

A *Sacrosanctum Concilium* = SC 21 diz que há elementos mutáveis e imutáveis na liturgia. Em geral podemos dizer que, elementos da origem divina certamente são imutáveis, elementos humanos podem ser mudados. Elementos divinos entende-se aquilo que é instituído por Jesus Cristo. Os sacramentos são instituídos por Cristo, os sacramentais são instituídos pela Igreja. Deve-se respeitar as fontes da Revelação, que são a Sagrada Escritura, a Tradição e o Magistério da Igreja.

SC 22: Assuntos litúrgicos são de competência da Santa Sé. Conferências episcopais e bispos podem realizar adaptações para uma determinada cultura, e o celebrante pode realizar acomodações para uma determinada situação pastoral, como escolher entre diversas opções que os livros litúrgicos permitem.

SC 23: Há um legítimo progresso pelos novos conhecimentos da investigação teológica. Devem-se considerar as leis gerais da estrutura e do espírito da liturgia. Por esta razão, não fazer inovações sem verdadeira utilidade e com a devida cautela (princípio da progressividade). Uma reforma deve brotar organicamente daquilo que já existe (princípio da harmonia e continuidade); também manter certa uniformidade (que não haja diferenças notáveis entre regiões vizinhas).

SC 24: A fonte de inspiração deve ser a Sagrada Escritura, (que as fórmulas sejam mais bíblicas).

SC 28: Cada um faça aquilo que lhe corresponde (princípio de hierarquia).

SC 30: Prevê-se aclamações do povo, gestos do corpo e silêncio. Que haja rubricas para os fiéis.

SC 34: A liturgia tem caráter festivo: deve-se celebrar com beleza e nobre simplicidade (o rito seja transparente, breve, compreensível, sem redundâncias ou repetições)

SC 35: Possibilidade de usar breves comentários ou breves explicações, catequese, celebração da palavra. Os comentários contribuem para a formação litúrgica e, conseqüentemente, para a participação ativa dos fiéis.

SC 36: Seja conservado o latim. O uso da língua vernácula aplique-se para as leituras e admoestações. As traduções devem ser aprovadas.

SC 38: Admite-se adaptações para diversos lugares nas diversas culturas (a palavra ‘inculturação’ surgiu apenas em 1979).

SC 42-46: Promoção da Pastoral Litúrgica, sobretudo da formação.

A intenção do Concílio era organizar os ritos para maior clareza (princípio da transparência). Indiquemos algumas consequências:

1) Deve haver objetividade (universalidade): A liturgia se refere a Igreja universal, por tanto é assunto da Santa Sede para dar normas e interpretá-las. Existem muitas possibilidades de interpretação de um rito. Mas só algumas poucas possibilidades são os verdadeiros significados da mistagogia.³ Este princípio vai contra o subjetivismo e arbitrariedade na interpretação. São significados, especificamente cristãos, inspirados e interpretados na Tradição da Igreja e que têm a sua continuidade. O específico da inspiração cristã tem sua base bíblica (assim, como Jesus interpreta um gesto, assim deve-se interpretar sempre). Em conformidade à Tradição, deve-se dar um bom senso. A liturgia é dada por Deus, não é uma obra humana. Consequentemente, a liturgia não é a expressão de um grupo; o seu valor é independente da subjetividade ou sentimentos que possam provocar. O sinal litúrgico não é um enigma indecifrável, o seu sentido não é aquilo que é possível, mas aquilo que foi escolhido pela Igreja. A liturgia é universal, porque é:

a) uma, apesar das formas diversas dos ritos, pela unidade da fé que expressa o sacrifício oferecido e sacramentos administrados;

b) viva, como em todos os lugares, sob a aparência dos ritos externos de que é revestida, pulsa a alma da Igreja, que é a própria vida e a força inabalável de Cristo, e vibram os sentimentos de todo o povo cristão com quem se associa na oração litúrgica;

c) tradicional, na medida em que recua em suas linhas fundamentais à mesma liturgia dos apóstolos e, através deles, a Cristo.

2) Deve haver distinção (entre o sagrado e o profano): A liturgia é o Mistério de Cristo, convém respeito ao sagrado (temor de Deus), fazer diferença entre o ritual e aquilo que é comum. Sacralidade é separação. Não use roupas que sejam mundanas ou triviais. A liturgia sabe como colocar as diferenças. Uma toalha da casa não pode ser aquela do altar. Precisa da sensibilidade para o sagrado (na sacristia: limpeza e ordem).

³ Por exemplo, a interpretação do uso do incenso. Segundo as circunstâncias, pode significar: adoração, veneração, bom perfume, efeito exorcista etc. Mas estas interpretações devem ter seu fundamento objetivo.

3) A propriedade (necessidade): não pode existir um rito sem sentido (seria puro ritualismo), também não pode haver um sentido sem o rito (o que seria criatividade espontânea). A liturgia não vive da arbitrariedade. Se o rito é improvisado, a espiritualidade litúrgica perde-se. Deve ser feita sobre uma base (fundamento) consistente e coerente. É necessário a execução do rito no seu essencial.

Os fiéis devem saber que as coisas não estão por acaso, mas há um sentido. Precisa-se de vigilância para descobrir o que a Igreja quer. A celebração se torna diferente devido à disposição (o sacerdote deve saber aproveitar as diversas possibilidades numa situação concreta); escolher aquela possibilidade que é mais adequada. Uma boa acomodação precisa ser preparada. A improvisação e a preguiça estão muito próximas. Improvisar a oração resultaria frequentemente na banalidade.

4) Autenticidade: isso significa que o gesto, a palavra ou ação litúrgica deve conduzir ao mistério. Isso vai contra um minimalismo, aquilo que faz apenas o mínimo, com uma abordagem legalista.⁴ Mas, aquele que acaba pouco a pouco com os elementos secundários, está em perigo de perder ou desviar também os elementos principais. Autenticidade significa também colocar as coisas no seu lugar, por exemplo, celebrar na hora que corresponde (Laudes pela manhã, vésperas na hora da tarde).

Deve-se procurar a expressão melhor, embora nem sempre seja possível o ideal.⁵ Os detalhes fazem a diferença! Assim como se pode fazer a diferença em coisas diferentes, sem discriminação, porque seria uma injustiça tratar de certas coisas de modo igual, embora diferentes.

5) Lei da originalidade – quer dizer, fidelidade ao senso original: qual foi a condição original de uma coisa? Isso vai contra dois gestos: um arqueologismo na liturgia, e outro, contra um modernismo e tradicionalismo litúrgico. É o princípio de estar vinculado à tradição da Igreja.⁶

⁴ Por exemplo, dizer: para a validade do sacramento precisa-se da matéria e da forma. A forma, por exemplo, são as palavras ‘Ego te absolvo’, ou ‘Isto é o meu corpo’, e não dar atenção aos elementos secundários.

⁵ Deve-se buscar fazer do modo melhor possível. Por exemplo, numa igreja paroquial usa-se os instrumentos disponíveis na sacristia. Porém, em uma emergência, permite-se usar um cálice de qualidade inferior, ou algum elemento como uma mesa profana, embora não é autêntico.

⁶ Exemplo: Aquele que não viu a coisa antes da mudança, poderia pensar que isto é a tradição da Igreja. Devemos ser críticos neste sentido, e encontrar o significado e a

É importante respeitar o antigo e compreender bem a continuidade e a legitimidade da prática. A Tradição litúrgica se transmite sempre por uma fidelidade à imagem original.

6) Princípio da economia (simplificação, mas não banalização nem empobrecimento da liturgia). (Cf. SC 34 pede “nobre simplicidade”): Quanto mais elementos são postos na liturgia, tanto menos valor se dá a estes elementos (contra o princípio da inflação). Os elementos estão em contraste uns contra os outros. O princípio da economia vai contra os excessos; procure-se, portanto, uma medida equilibrada.

Nas muitas repetições, está o perigo de fazê-lo automaticamente. Muitas vezes, a oração é feita com pressa ou de maneira rotineira, e, no final, não se lembra de mais nada.

7) Princípio da ordem e da harmonia (da parte dos atores; ou lei da discrição). Deve ser uma “ars celebrandi”. Deve haver uma proporção adequada entre os tempos com as partes, até mesmo a harmonia entre os temas e as orações.⁷ Devem-se fazer ensaios para encontrar uma verdadeira harmonia. Também observar a justa medida entre ação e contemplação.

O sinal litúrgico possui quatro dimensões, por isso deve-se interpretar sempre tais aspetos. O sinal é: 1) sinal demonstrativo (o sinal visível que indica a graça invisível); 2) é sinal moral e comprometedor (exige a conversão e aceitação da vontade de Deus); 3) é sinal rememorativo das ações salvíficas de Cristo (representa a sua morte [...]), 4) é sinal pré-anunciativo ou profético da glória celeste (sentido escatológico). Se em algum momento um elemento não é mais autêntico, deveria ser excluído da liturgia.

Significa que a importância teológica deve corresponder à importância litúrgica, e a importância litúrgica para com o real. Um vício seria o sociologismo, ou horizontalismo, quando se perde Deus no centro.

2. Desviações e abusos litúrgicos

Os abusos litúrgicos têm a sua origem em não respeitar as rubricas, como podemos entender da *Redemptionis Sacramentum*, documento que pretende fazer correções:

prática. O novo, feito pela reforma do Vaticano II, e que tem apenas 50 ou 60 anos de tradição, não é nada comparado à história de muitos séculos.

⁷ Exemplo: se a homilia dura 30 min, a Eucaristia 15 min, seria falta de equilíbrio.

“não se pode calar ante aos abusos, inclusive gravíssimos, contra a natureza da Liturgia e dos sacramentos, também contra a tradição e auto-ridade da Igreja, abusos que em nossos tempos, não raramente, prejudicam as celebrações litúrgicas em diversos âmbitos eclesiais. Em alguns lugares, os abusos litúrgicos se têm convertido em um costume, no qual não se pode admitir e se deve terminar” (RS 4).

São os abusos que causaram problemas na liturgia, não é a liturgia em si. A causa não são as orações ou as rubricas escritas, mas a maneira de celebrar. Não é a diferença entre um livro e outro, entre um Missal e outro, mas a maneira de aplicação. Portanto, verifiquemos algumas causas dos abusos, para poder encontrar remédio.

2.1 Tensão entre modernismo e tradicionalismo

a) No modernismo / progressismo:

Os abusos se referem à parte exterior da liturgia (rubricas), que regula o uso e valor dos gestos, símbolos e ritos. As transgressões frequentes das normas litúrgicas acontecem a causa dum conhecimento superficial:

- Uns argumentam ou justificam-se com “razões pastorais”, um termo genérico que abrange abusos e pode confundir os fiéis.

- Outros consideram a parte exterior como algo secundário que não teria muita importância. Aham que o importante é a atitude interior, a pureza do coração, fixam-se na parte espiritual e que o material poder-se-ia ignorar.

- Outra razão pode ser a falta de sensibilidade para o sobrenatural. O que importa é o homem, e como Deus é misericordioso, ele dará a sua graça de qualquer maneira, não acham importante o estado da pureza da alma. Aham que Deus não precisa da nossa atenção, ele já sabe o que precisamos.

- Dizer que Deus não condena a ninguém, então o nosso desleixo não O afeta.

- Falta de distinção pode ser a causa da perda do sagrado. O sagrado é aquilo que o homem recebe. O sagrado é visível da dimensão religiosa, e sua permanência é importante. A linguagem da fé o chamou ‘mistério’ e o condensou como ‘mistério pascal’, o núcleo mais íntimo do acontecimento redentor.

- A criatividade e improvisação: acham que a liturgia deve divertir. Receiam que, sem diversão, as pessoas se afastem.

- Aversão às vestimentas: Acham o uso das vestes litúrgicas algo obsoleto e sem importância. Mas, “as vestes devem contribuir ao decoro da mesma ação sagrada” (RS 121). As vestimentas litúrgicas indicam algum significado espiritual, e também as cores litúrgicas expressam características dos mistérios da fé (cf. RS 121-128). O não-querer usar certas vestimentas na liturgia pode ser simplesmente por comodidade, ou por não conhecer o seu significado mistagógico, ou também pelo desculpar-se com o argumento da ‘simplicidade’.

Mas, a *Redemptionis Sacramentum* insiste no uso das vestimentas litúrgicas. As vestes podem indicar também a graça: Para entrar na sala do banquete precisa-se também de uma veste nupcial. O papa Bento XVI explica: No vestir-se desaparece o homem velho e o vestimos com o homem novo. Embora tudo isto se possa entender num sentido espiritual, as vestes litúrgicas levam um valor simbólico. Ao vestir-se prevê-se também orações que exprimem algo do significado espiritual das vestes.

- Humanismo e antropocentrismo: No humanismo observa-se uma falta na distinção entre o natural e o sobrenatural. Isto originou uma liturgia antropocêntrica (tudo para o homem) levando à falta de consciência de que a liturgia é uma ação divina e um diálogo com Deus. Assim, a liturgia não seria mais o ‘grande mistério’.

- Uma nova teologia influenciada pelo existencialismo, etc.

b) Problemas desde o tradicionalismo

O tradicionalismo na sua forma extrema, que quer congelar a liturgia. Não se permite mudanças, como se, por exemplo, a Missa tridentina fosse a única válida e uma liturgia ‘de sempre’. Infelizmente os tradicionalistas na sua argumentação não seguem princípios teológicos fundamentais, mas simplesmente se referem a fatos que relacionam com outros fatos, mas nem sempre com fundamento científico⁸.

O problema não é que haja gosto e amor pela Missa tridentina, aquela se pode celebrar. Certamente é um rito de grande beleza que se

⁸ Por exemplo argumentos como: ‘A nova Missa não tem fiéis, a Missa tradicional é seguida por muitos fiéis ...’ atribuindo assim a culpa da perda da fé à nova Missa, mas sem apresentar uma prova científica consistente.

deveria conservar como também outras liturgias tradicionais do oriente como do ocidente. O problema é a rejeição da Missa de Paulo VI, como se fosse uma liturgia protestante, na qual ter-se-ia alterado seu significado. Lutero negou o valor sacrificial, Calvino negou a presença real de Cristo na Eucaristia e ficou apenas um valor simbólico. Mas isto não se pode atribuir ao mistério da Missa após o Vaticano II. A Missa de Paulo VI é o sacrifício de Cristo como foi sempre compreendido no sentido católico em continuidade com a Tradição. Mudanças foram feitas, mas estas mudanças não afetam aquilo que a Missa é como mistério.

Neste sentido, os tradicionalistas ficam muitas vezes apenas no nível das rubricas. É necessário distinguir entre o rubricismo e a teologia litúrgica e não somente ficar com o aspecto exterior. Resumimos aquilo que se pode ler nas publicações da FSSPX, em sua página oficial: “A Nova Missa de Paulo VI: O que pensar dela?”⁹ Do Sacrifício à refeição memorial [...] O ofertório sacrificial substituído por uma bênção judaica [...] O cânone renomeado Oração Eucarística [...] A refeição comunitária substitui a comunhão.”

Quando o rito se torna bandeira de rejeição, já não serve a Deus. A ideologização litúrgica leva inevitavelmente a um conflito com o Magistério. Primeiro se rejeita a reforma litúrgica; depois se desconfia do Concílio; por fim, acusa-se o Papa de heresia. O passo seguinte é a ruptura aberta, um cisma declarado. Isto seria orgulho, que se veste de piedade.

Um dos erros mais difundidos no debate litúrgico contemporâneo é a ideia de que os dois Missais – o de 1962 e o de 1969 – se opõem como se fossem expressões de duas religiões diferentes. De um lado, a “Missa de sempre”; do outro, a “Missa modernista”. Contudo essa oposição não existe: é fabricada. Apresentam-se teses como: ‘A nova Missa não é tradicional!’

A isto respondemos: a liturgia nunca foi estática. Desde os primeiros séculos, os ritos sofreram mudanças, acréscimos e simplificações. O próprio rito tridentino foi uma codificação de usos medievais e não o “rito dos Apóstolos”. São Pio V, em 1570, não criou nada do zero: ele consolidou e uniformizou práticas existentes. O mesmo fez Paulo VI, quatro séculos depois, em fidelidade ao Concílio Vaticano II.

⁹ Publicado na página da Fraternidade: www.fsspx.de Unsere Haltung zur neuen Messe | FSSPX Aktuell.

Os tradicionalistas afirmam: ‘A Missa Nova é a causa da crise’! Porém, disso não há prova. Ela é o remédio que Deus oferece no meio da crise. Onde é celebrada com reverência e fé, ela transforma vidas e santifica comunidades. Culpar a liturgia reformada é o álibi dos que não querem enfrentar o verdadeiro inimigo: a apostasia dos corações.

No seu livro, o Pe. Matthias Gaudron, FSSPX,¹⁰ aconselha os fiéis a não irem a uma Missa do *Novus Ordo*. Na questão 64, ele admite que a Missa nova é válida, quando o celebrante cumpre as prescrições e normas litúrgicas.¹¹ A Missa pode, naturalmente, ser inválida se faltar algum elemento essencial, mas tal falta também pode acontecer na celebração da Missa tridentina. Em seguida, nas questões 65-67, ele afirma que não se deveria participar da nova Missa. Caso se participe, não se deve comungar¹². Porém, se Jesus está presente no sacramento e não se deve recebê-lo, seria rejeitar a Eucaristia, então isso é propriamente pecado. Tais posições são um afronto direto contra o Magistério da Igreja católica e vão causar divisão. Além disso, Gaudron afirma: “Aqueles que são muito incapazes de assistir a uma missa tridentina antiga não precisam ir à missa no domingo”¹³. Isso é uma contradição em si. Tais e outros argumentos escritos nas páginas seguintes geram confusão, porque não respeitam o Magistério como fonte da teologia.

A crítica dos Tradicionalistas é que ‘a Nova Missa não exprime a fé católica’:

“Criticamos o novo rito não por negar explicitamente qualquer ponto de doutrina, como faria uma proposição herética, mas por ter alterado a totalidade dos sinais que constituem o rito, de modo que já não afirma a doutrina tão suficientemente como no passado. [...] A nova Missa de Paulo VI, que representa a privação desse bem, não pode ser objeto de lei: não é apenas falha, mas também ilegítima.”¹⁴

Nossa Resposta: Certo, a liturgia deve exprimir a fé; porém, quem de fato determina quando um rito “afirma a doutrina suficientemente”? A primeira finalidade da Missa não é exprimir a fé pelo rito, isto não

¹⁰ GAUDRON MATTHIAS, Catecismo católico de la crisis en la Iglesia.

¹¹ GAUDRON, p. 216.

¹² GAUDRON, p. 219-220

¹³ GAUDRON, p. 220.

¹⁴ Cf. FRATERNIDAD SACERDOTAL SAN PÍO X (Distrito de España y Portugal). Sesenta razones que obligan a rechazar la Nueva Misa. Madri, [2017?]. Disponível em: fsspx.es. Acesso em: 15 jul. 2026.

um elemento essencial da Liturgia. A finalidade primeira da liturgia é a glorificação de Deus e a salvação das almas, isto é, a santificação do povo, ao produzir a graça santificante. No entanto, existe a *Lex orandi, lex credendi*; é, sim, um efeito da liturgia que seja uma catequese, mas não é a sua essência.

Caso, o sacerdote seja irreverente, qualquer rito é ferido. O que protege a liturgia não é a rigidez do rubricalismo, mas a santidade de quem celebra e a obediência à Igreja. A santidade brota onde há Cristo, e Cristo está presente no altar, independentemente do século. Os argumentos devem ser teológicos para indicar exatamente onde está o problema.

“De um lado, certos progressistas tratam o Missal antigo de Pio V como algo ultrapassado, que deveria desaparecer. Do outro, tradicionalistas fazem do Missal tridentino um estandarte contra a Igreja. Ambos erram, porque colocam os ritos em oposição, quando deveriam vê-los como expressões legítimas de uma única fé.”¹⁵

Posições extremas podem ser corrigidas com uma posição centrada e convincente. Mas os melhores argumentos somente podem convencer quando há boa vontade e humildade para aceitar correções. Sem tolerância não haverá conciliação. O que foi dito anteriormente queremos demonstrar com elementos doutrinários de duas grandes autoridades da teologia litúrgica. Aparentemente apresentam distintos pontos de vista, mas no fundo coincidem nas questões essenciais.

3. Uma comparação: Romano Guardini e Joseph Ratzinger

Há oposição entre Romano Guardini e Joseph Ratzinger? Alguns liturgistas criticaram o Papa Bento XVI, acusando-o de querer retornar a posições pré-conciliares e não seguir o desenvolvimento do Movimento Litúrgico e as mudanças do século XX. Pelo contrário, tomam Romano Guardini como exemplo e modelo de renovação da liturgia. Por esta razão, vamos comparar os dois autores: consideramos as posições de ambos, para ver se há ou não uma real ou, somente, uma aparente oposição. Romano Guardini é rotulado como progressista, Joseph Ratzinger, como conservador. É justo isto?

A teologia da liturgia de Joseph Ratzinger suscitou um considerável debate na discussão teológica contemporânea. Mas, o próprio Ratzinger

¹⁵ SILVA, J.E. *Em defesa da Missa Nova*, p.77.

admitiu que Guardini influenciou sua compreensão teológica, embora não identifique as áreas exatas em que essa influência ocorreu.¹⁶ Joseph Ratzinger, é geralmente apresentado como um pensador bastante conservador, especialmente em questões de liturgia.¹⁷ Os críticos de Ratzinger frequentemente equiparam sua crítica às formas litúrgicas e à teologia atuais a uma crítica ao próprio Concílio¹⁸. Os defensores do pensamento de Ratzinger, contudo, elogiam a ênfase na tradição e sua compreensão cristocêntrica da liturgia, baseada em sua natureza inata.¹⁹

Joseph Ratzinger afirma: “A liturgia não é um espetáculo, uma apresentação que exige diretores brilhantes ou atores talentosos. A liturgia não prospera em ‘agradáveis’ surpresas, ‘descobertas’ cativantes, mas em repetições solenes. Ela não deve expressar os acontecimentos atuais e sua natureza efêmera, mas o mistério do Sagrado”.²⁰

Romano Guardini é considerado uma das figuras de proa do Movimento Litúrgico, cujos escritos tiveram um impacto significativo na reforma litúrgica do Vaticano II e em sua implementação.²¹

À primeira vista, as ideias litúrgicas de Guardini diferem da abordagem sistemática de Ratzinger, sendo surpreendente constatar que compartilham

¹⁶ RATZINGER, *Aus meinem Leben: Erinnerungen 1927-1977*, 43.

¹⁷ GRIBBIN, Anselm J., *Papa Bento XVI e a Liturgia*, vi.

¹⁸ *Der Geist der Liturgie: eine Einführung de Ratzinger* (Freiburg: Herder, 2002). Albert Gerhards escreve: “Em muitos lugares do livro do Cardeal Ratzinger, é enfatizada a sua preocupação frequentemente expressa de que a reforma da liturgia tenha falhado tanto na sua base como na sua implementação”. Albert Gerhards, “Der Geist der Liturgie: Zu Kardinal Ratzingers neuer Einführung in den christlichen Gottesdienst”, HK 54 (2000): 263-268, aqui 267. Os críticos veem as suas afirmações confirmadas pelo fato de o Papa Bento XVI ter dado permissão para uma ampla utilização do Rito Romano que era usado antes do Vaticano II. Benedikt Kranemann refere-se a esta decisão como a “Supressão de reformas centrais da liturgia pós-conciliar”. Benedikt Kranemann, „Liturgie im Widerspruch. Anfragen und Beobachtungen zum Motu proprio *Summorum Pontificum*“, em *Ein Ritus – zwei Formen: Die Richtlinie Papst Benedikt XVI zur Liturgie*, ed. Albert Gerhards (Friburgo, Basileia, Viena: Herder, 2008), 50-66, aqui 54.

¹⁹ Entre eles estão o monge beneditino Alcuin Reid e o sacerdote italiano Nicola Bux, consultor do Ofício para as Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice. Alcuin Reid, “A Reforma Litúrgica do Papa Bento XVI”, em *Bento XVI e a Sagrada Liturgia: Proceedings of the First Fota International Liturgy Conference* [Atas da Primeira Fota Conferência Internacional de Liturgia], 2008, ed. Neil J. Roy e Janet E. Rutherford (Dublin: Four Courts Press; Nova Iorque.

²⁰ RATZINGER, *Teologia de la liturgia*, p. 184.

²¹ BUGNINI, Annibale, *La riforma liturgica*, 21-28.

muitos pontos em comum, principalmente no que diz respeito à reforma da liturgia. As visões de Guardini e Ratzinger são frequentemente citadas por aqueles que trabalham no campo da liturgia, com a intenção de apoiar ou refutar as ideias litúrgicas de um ou de outro. Essa base comum contribuirá para lançar nova luz sobre a teologia da liturgia de Ratzinger, enraizada no Movimento Litúrgico. Uma análise dos escritos de ambos autores demonstrará que seus critérios para a reforma da liturgia estavam em consonância tanto entre si quanto com a reforma litúrgica do Vaticano II.

Uma crescente consciência do mistério celebrado na liturgia e do elemento antropológico subjacente caracteriza um período em que a teologia litúrgica fez progressos significativos. Foi nessa época que a pesquisa sistemática e histórica sobre a liturgia se tornou cada vez mais importante; representa, portanto, o início da pesquisa científica sobre a liturgia, juntamente com a elaboração de métodos teológico-litúrgicos adequados.²² Por essa razão, a *Sacrosanctum Concilium*, preparada pelo Movimento Litúrgico, foi aceita rápida e quase unanimemente pelos padres conciliares. A encíclica *Mediator Dei*, do Papa Pio XII,²³ é extremamente importante na história do Movimento Litúrgico, porque representou um marco na consciência litúrgica e, ao mesmo tempo, ofereceu um reconhecimento geral e uma ligeira correção às intenções do Movimento.

Parece que a discussão litúrgica se tornou extremamente polarizada, como se fosse o campo de provas para as origens do ensinamento do Concílio. Há aqueles que rejeitam a reforma litúrgica do Concílio. Contudo, mesmo dentro da Igreja Católica, encontramos tanto o desejo por uma grande liberalização da liturgia, que a liberte de todas as fronteiras e rubricas significativas, ajustando-a assim às necessidades da comunidade celebrante concreta, quanto o desejo por uma estrita exatidão litúrgica para garantir a preservação do caráter tradicional e transcendental da liturgia.

²² O período do Movimento Litúrgico do século XX é a época em que o estudo da liturgia começa a se desenvolver. Teólogos interessados em liturgia descobrem os fundamentos históricos e bíblicos do culto, dos ritos e dos textos. A liturgia é estudada em universidades aplicando-se métodos científicos e livros litúrgicos são publicados. Conferências são realizadas com o objetivo de aproximar a liturgia das pessoas e ajudá-las a compreender a importância e o significado daquilo que encontram em suas vidas religiosas. Essa aspiração inclui não apenas a celebração da missa, mas também outras formas de piedade religiosa. É o Papa Pio X que dá um grande impulso, e é Romano Guardini quem dará expressão sistemática a essas formas de vida litúrgica.

²³ Pio XII, *Mediator Dei: Carta Encíclica sobre a Sagrada Liturgia*, 20 de novembro de 1947.

3.1 Relação entre liturgia e teologia

No início de toda reforma litúrgica, é necessário confrontar a questão da relação entre liturgia e teologia. Esclarecer essa relação nos ajudará a compreender a autoridade da liturgia sobre a teologia e a autoridade da teologia sobre a liturgia. Essa compreensão é a condição prévia para identificar, analisar e comparar os critérios de reforma litúrgica encontrados nos escritos de Romano Guardini e Joseph Ratzinger/Papa Bento XVI.

A relação entre liturgia e teologia, é significativa pela mudança ocorrida no século XX. Essa mudança influenciou a teologia litúrgica no século XX e, consequentemente, o próprio conceito de reforma litúrgica.

Mediator Dei contém uma mudança sobre a relação entre liturgia e teologia. O conhecido adágio de Próspero da Aquitânia, “*lex orandi, lex credendi*”, foi citado sem modificações notáveis ao longo dos séculos. Surpreendentemente, *Mediator Dei* introduz uma mudança significativa no axioma de Próspero, com importantes consequências não apenas para a compreensão da relação entre liturgia e teologia, mas também para a compreensão da reforma litúrgica. O conteúdo deste axioma, mencionado em primeiro lugar por Próspero da Aquitânia, era muito geral: “a lei da oração corresponde à lei da fé”. A teologia sistemática utilizou a liturgia para expressar e ensinar verdades dogmáticas e, portanto, seu caráter inspirador era meramente catequético ou mistagógico. A liturgia é relevante para a *lex credendi* na medida em que oferece provas para as verdades dogmáticas em sua práxis ou textos.

Pio XII afirma claramente que a liturgia tem um conteúdo doutrinal: Na sagrada liturgia professamos a fé católica de forma explícita e aberta. Toda a liturgia, portanto, tem a fé católica, pelo seu conteúdo, na medida em que dá testemunho público da fé da Igreja.²⁴ O axioma de Próspero é aqui invertido, e agora é a *lex credendi* que determina a *lex orandi*. A liturgia é expressão e prova das verdades dogmáticas, mas não seu fundamento.

²⁴ Pio XII, *Mediator Dei*, 43: “Assim se tornou conhecida e venerada a sentença: ‘A lei da oração estabeleça a lei da fé’. A liturgia, portanto, não determina nem constitui em sentido absoluto e por virtude própria a fé católica, mas antes, sendo ainda uma profissão da verdade celeste, profissão dependente do supremo magistério da Igreja, pode fornecer argumentos e testemunhos de não pouco valor para esclarecer um ponto particular da doutrina cristã. Se queremos distinguir e determinar, de modo geral e absoluto, as relações que intercorrem entre fé e liturgia, podemos afirmar com razão que “a lei da fé deve estabelecer a lei da oração”.

Pio XII rejeita a ideia de que a liturgia determina independentemente e por si mesma o que é da fé católica.

Já no início do século XX, Lambert Beauduin explicava que a Liturgia é “ars, non scientia” (arte, não ciência).²⁵ Os textos litúrgicos não são explicações científicas da fé católica. O gênero da liturgia como arte define a interpretação de seu papel e de seus textos. A liturgia expressa e celebra essas verdades de forma simbólica e não busca explicá-las de maneira racional ou lógica. A liturgia deve conduzir à explicação científica da fé, mas não a faz por si só.

Para Prosper Guéranger, a liturgia é o principal instrumento da tradição, mas não é uma autoridade em si mesma. A Igreja sempre considerou a liturgia como a expressão viva de sua fé; para se ver com clareza, a Igreja se olha na liturgia como se estivesse em um espelho. Como a liturgia é o instrumento mais importante da tradição, não é possível que a essência da liturgia se altere.²⁶ Isso não significa que Guéranger defende a ideia de uma liturgia imutável, mas para ele, as mudanças na liturgia estão ligadas ao desenvolvimento do dogma.

No início de *Vom Geist der Liturgie*, Romano **Guardini** estabelece imediatamente a relação entre a liturgia e as outras formas de devoção popular, explicando que é a liturgia a *lex orandi*, pois, por sua natureza, precede as devoções populares e as orações pessoais. Portanto, a liturgia é um modelo para a oração não litúrgica.²⁷ As leis fundamentais da liturgia são “eternamente e universalmente imutáveis”.²⁸ Ele reconhece que a liturgia também é *lex credendi*, mas interpreta essa afirmação dizendo que isso se deve ao fato de a liturgia ser “o tesouro do pensamento da Revelação”.²⁹

Para Joseph **Ratzinger** “a fé não deve ser colocada em oposição à razão, mas tampouco deve se submeter ao poder absoluto da razão iluminista e seus métodos”.³⁰ Os métodos contemporâneos tentam dividir em dois o que deveria ser um só. A teologia se torna a filosofia da religião, o

²⁵ BEAUDUIN, *La piété liturgique*, 136-137.

²⁶ GUERANGER, *Instituição* 1, 150, 226.

²⁷ GUARDINI, *Vom Geist der Liturgie*, 18.

²⁸ GUARDINI, *Vom Geist der Liturgie*, 18.

²⁹ GUARDINI, *Vom Geist der Liturgie*, 19. Mais exactamente, o texto original em alemão diz: “Sie [die Liturgie] ist vom Wahrheitsgut der Offenbarung ganz erfüllt.”

³⁰ RATZINGER, *Teoria de los Principios teológicos*, 342.

que coloca o cristianismo no mesmo nível que outras religiões mundiais. Uma das tarefas mais importantes da Igreja deve ser a preservação e a proteção da liturgia. A liturgia não é uma invenção humana; portanto, não está dentro da autoridade dos seres humanos mudar nada arbitrariamente.

Guardini e Ratzinger enfatizaram de forma diferente a relação entre liturgia e teologia em suas abordagens. A questão é significativa no contexto da reforma litúrgica, pois a interpretação dessa relação fundamental define como a liturgia é compreendida e em que medida ela pode sofrer mudanças essenciais ou secundárias. Veremos agora como os dois teólogos, utilizando essa relação como pressuposto, compreendem a natureza da liturgia e a essência da reforma litúrgica.

Guardini expõe quatro tendências que devem ser evitadas na renovação litúrgica, a fim de demonstrar que uma hermenêutica teológica litúrgica inadequada pode transformar a liturgia em uma práxis que não corresponde à sua natureza. Ele reconhece que essas quatro posições estavam presentes na fase inicial do Movimento Litúrgico³¹ e que, por vezes, são representadas até mesmo por aqueles que se opõem a ele.

a) Deve-se evitar é o liturgismo (*Liturgismus* – corresponde a antiquarismo), que consiste na busca pela recuperação das intenções e formas primárias da liturgia. A armadilha do liturgismo reside em atribuir à liturgia um significado que ela originalmente não possuía. O liturgismo não percebe as necessidades do indivíduo ou da comunidade local, especialmente quando caracterizado por um sentimentalismo estético.³²

b) A segunda tendência a ser evitada, Guardini chama de diletantismo (*Dilettantismus*). Essa abordagem busca, apropriadamente, aproximar a liturgia da vida cotidiana, mas é intolerante a práticas que não se encaixam em sua visão subjetiva de culto. Guardini oferece o exemplo daqueles que querem abolir certas formas de devoção popular, como o rosário ou a Via Sacra, [...] Ele argumenta que essas pessoas se esquecem de que

³¹ GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung* [Liturgia e formação litúrgica], 174. Vemos aqui que o principal objetivo de Guardini nesta obra é defender o Movimento Litúrgico, embora reconheça alguns de seus erros ou exageros. Ele aponta que aquilo de que o Movimento Litúrgico é acusado também está presente no pensamento de seus oponentes. Portanto, sua apresentação das quatro tendências a serem evitadas constitui uma forte crítica a um pensamento litúrgico-teológico que não corresponde à natureza da liturgia. Por isso, precisamos compreender como Guardini se expressa sobre a liturgia e quais são suas motivações para isso.

³² Cf. GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 175.

elementos individuais da vida de oração têm valor e constituem não apenas uma parte do todo, mas são, em si mesmos, realidades vivas. Graças ao Movimento Litúrgico, redescobriu-se que a liturgia, o coração da vida da Igreja, é o centro da vida de oração. Alguns estudiosos quiseram moldar a liturgia em torno dessa ênfase renovada nas celebrações litúrgicas e dar menos ênfase às devoções populares. Guardini reconhece que o desenvolvimento litúrgico deve ser levado em consideração e não permite um afastamento completo da tradição.

A renovação não é tarefa de indivíduos que buscam generalizar suas opiniões pessoais. As mudanças na liturgia devem ser precedidas por um estudo e preparação cuidadosos, a fim de salvaguardar a integridade da liturgia, e por uma preparação adequada dos fiéis para que possam reconhecer a continuidade com a práxis litúrgica anterior. Em geral, podemos dizer que o que se faz necessário diante da liturgia é a humildade: a pessoa humana deve conhecer seu lugar e seu papel diante do grande mistério da liturgia e tratá-la como um dos tesouros mais preciosos da Igreja.

c) Um terceiro perigo na renovação litúrgica, segundo Guardini, é o pragmatismo (*Praktizismus*), que significa preocupar-se sobretudo com o que é viável no presente, deixando de respeitar a liturgia como atividade realizada por si mesma. Os representantes dessa tendência afirmam que o principal objetivo da liturgia é a educação e, portanto, ela deve derivar do tempo presente. Há alguns aspectos positivos nessa tendência pragmática, pois ela rejeita uma concepção de liturgia distante da vida dos participantes. A liturgia, de fato, tem a ver com o cotidiano dos fiéis. O perigo, porém, é mais significativo, pois o pragmatismo permite que a liturgia seja influenciada por ideologias sociais, financeiras ou mesmo políticas. Essa abordagem fomenta uma espiritualidade que se concentra principalmente nas realidades mundanas e se esquece que a liturgia possui uma dignidade que não se subordina a nenhum propósito, pois é primordialmente o lugar do encontro com Deus.³³ Consequentemente, a celebração da liturgia pode parecer obsoleta e supérflua. Com isso, destrói-se o significado mais importante da liturgia: a glorificação de Deus e a santificação do ser humano.

d) Conservadorismo (*Konservativismus*): Conceito incorreto de história e desenvolvimento. Busca preservar a verdade da tradição, mas, por ter uma compreensão inadequada da história, prioriza práticas secundárias

³³ GUARDINI, *Vom Geist der Liturgie*, 61-62.

dentro da própria história da liturgia.³⁴ Isto não significa que Guardini considere desnecessária a preservação do patrimônio litúrgico. Em vez disso, ele se refere àqueles que impõem um período histórico sobre outro, geralmente um antigo sobre um mais moderno, e não permitem que a liturgia se forme e se transforme naturalmente. O conservadorismo olha além das coisas e descobre o valor de elementos litúrgicos não práticos, como a arte e até mesmo o significado das rubricas. O que é mais problemático nessa tendência, no entanto, é a sua propensão a rejeitar tudo o que é incomum.

Nenhuma dessas tendências pode ser aceitável no estágio mais desenvolvido do Movimento Litúrgico, visto que “a liturgia não é um passatempo histórico ou estético”.³⁵ Ele reconhece que a liturgia é uma realidade dentro da história, com todos os atributos que pertencem à historicidade: ela se desenvolve e se transforma. De um lado, havia a vida de oração da congregação e do fiel individual, na qual a experiência religiosa (*Empfinden*) encontrava expressão. Por outro lado, havia a liturgia e seu desenvolvimento, o culto oficial da Igreja, por assim dizer, em constante mudança e formação.³⁶ Essas duas formas se complementam.

Lex orandi não significa a observância de rubricas ou o seu cumprimento. Trata-se, antes, de uma ordem de vida (*Lebensordnung*) que conduz a uma compreensão mais profunda da verdade de Deus.³⁷ Guardini levanta um ponto claro e justificado aqui. Algo não pode ser considerado mais valioso simplesmente por causa de sua idade, e visões subjetivas não podem suprimir o caráter objetivo da liturgia. Ele deseja que todos permitam que a liturgia seja o que é e se desenvolva segundo suas próprias leis internas.³⁸ Mas não devemos esquecer que o método frequentemente citado do Movimento Litúrgico, ad fontes, é também uma abordagem que busca o retorno a um período histórico anterior, omitindo o desenvolvimento

³⁴ GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 175-184.

³⁵ GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 172: “da die Liturgie keine historische oder ästhetische Liebhaberei [...] ist.”

³⁶ Cf. GUARDINI, “Der Gesamtzusammenhang des christlichen Gebetslebens in unserem Gottesdienst“, em *Unser Gottesdienst: Überlegungen und Anregungen: Ein Werkbuch*, ed. Alfons Kirchgässner (Freiburg: Herder, 1961), 85-94.

³⁷ GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 182.

³⁸ Uma ideia semelhante a esta reaparece em Ratzinger, para quem um critério importante do desenvolvimento litúrgico é a sua independência de ideologias subjetivas e de intervenções externas no seu desenvolvimento histórico.

histórico subsequente. Embora as origens da liturgia nos ofereçam uma forma preciosa que pode até influenciar nossas celebrações contemporâneas, é fácil cair no antiquarismo ao considerar qualquer época como uma era de ouro para a história litúrgica. O que vemos aqui é o confronto de princípios históricos, teológicos, litúrgicos, culturais e antropológicos.

3.2 Elementos da Renovação Litúrgica

Em primeiro lugar, é notável que, no Movimento Litúrgico, Guardini não utilize a expressão “reforma”. Em vez disso, ele fala em renovação (Erneuerung). Esse termo indica que Guardini não propõe uma mudança radical, mas a renovação das realidades já existentes. Ele deseja a formação de uma consciência litúrgica em todos os envolvidos no ato litúrgico: clérigos e fiéis.

A renovação “não deve ser realizada segundo juízos e preferências subjetivas, mas em conformidade com a *lex orandi* da Igreja; ao mesmo tempo, porém, com uma verdadeira liberdade de criação e formulação, onde a lei da Igreja o permite”³⁹. Guardini busca o caminho do meio entre posições extremas (Gegensätze).

Redescobrimo a centralidade do Ato Litúrgico:

Guardini temia que os liturgistas quisessem iniciar a implementação da reforma conciliar com mudanças textuais e rituais, e não com um exame do contexto antropológico, cultural e religioso em que a reforma litúrgica seria realizada. O objetivo de Guardini não é, obviamente, a ab-rogação da tradição litúrgica, mas sim a promoção da pesquisa litúrgica, e não apenas ou principalmente da pesquisa histórica, a fim de se aproximar da própria liturgia.⁴⁰ A questão mais importante de Guardini é se as pessoas ainda são capazes de um ato litúrgico.⁴¹ A implementação da reforma conciliar deve, portanto, concentrar-se em reaprender a celebrar a liturgia: em tornar-se capazes do ato litúrgico como seres humanos.

O que é esse ato litúrgico? Esse ato litúrgico pode ser simplesmente um olhar (Schauen), no qual acontece mais do que ver, porque a pessoa

³⁹ GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 188. “Darf nicht nach subjektivem Er-messen und Belieben, sondern nur in Einordnung in die *lex orandi* der Kirche geschehen; zugleich aber auch mit einer echten Freiheit des Schaffens und Gestaltens überall da, wo dieses Gesetz der Kirche es erlaubt.”

⁴⁰ Cf. GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 16.

⁴¹ Cf. GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 15.

inteira está envolvida no ato.⁴² Guardini menciona como fator decisivo para a reforma da liturgia a educação (Erziehung), ou seja, a formação apropriada do clero e da comunidade celebrante. Guardini pergunta: “Deveríamos, talvez, admitir que o ser humano da era industrial, da tecnologia e das estruturas psicossociologias a elas inerentes simplesmente não é capaz de realizar um ato litúrgico? E não deveríamos, em vez de falar em renovação, considerar como os santos mistérios devem ser celebrados para que este ser humano contemporâneo possa vivenciá-los com a sua própria verdade?”⁴³

3.3 A formação litúrgica como núcleo da reforma litúrgica:

O tema da formação litúrgica estava constantemente presente na mente de Guardini. Neste livro, ele explica que o propósito da formação é conduzir indivíduos e comunidades a um caminho que corresponda à essência da vida litúrgica. Um exemplo desse tipo de formação é o próprio movimento litúrgico, que não foi imposto pelo Magistério, mas nasceu entre cristãos que desejavam viver uma vida cristã-católica consciente. A questão principal é: como essa vida litúrgica pode ser realizada?⁴⁴

Os seres humanos participam da liturgia como criadores de símbolos (symbolschaffend) e como receptores de símbolos (symbolschauend), pois oram com o corpo espiritualizado e com a alma presente no corpo e que se expressa através dele. A principal forma pela qual a alma se realiza é quando os seres humanos falam e escutam, se expressam e compreendem.

É preciso aprender a se colocar em uma relação religiosa como um ser humano integral; fazer do corpo uma expressão da alma, enxergar além

⁴² GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 12. Posso me referir aqui a Ratzinger, que enfatiza de forma semelhante que a participação litúrgica não significa necessariamente fazer ou falar. Pode ser até mesmo uma oração silenciosa, embora seja uma participação ativa. O ato litúrgico é propriamente realizado mesmo que seja visto como uma mera presença. No âmbito da pessoa, podem ocorrer eventos mais importantes: a transformação do coração é um ato litúrgico propriamente dito.

⁴³ GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 15: „Ist vielleicht der liturgische Akt, und mit ihm überhaupt das, was Liturgie heißt, so sehr historisch gebunden – antik, oder mittelalterlich –, dass man sie der Ehrlichkeit wegen ganz aufgeben müsste? Sollte man sich vielleicht zu der Einsicht durchdringen, der Mensch des industriellen Zeitalters, der Technik und durch sie bedingten psychologisch-soziologischen Strukturen, sei zum liturgischen Akt einfach nicht mehr fähig. Und sollte man, statt von Erneuerung zu reden, nicht lieber überlegen, in welcher Weise die heiligen Geheimnisse zu feiern seien?“

⁴⁴ Cf. GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 24-25.

da realidade visível e compreender o que se percebe. É preciso aprender a rezar com o corpo: com posições e gestos corporais. Devemos aprender a expressar nossa vida interior e ser capazes de encontrar o conteúdo interior nas coisas externas. Ao perder a capacidade de perceber os símbolos, a humanidade perde parte de sua cultura, como a arte, o jogo ou mesmo a fala.

Visto que na liturgia o espiritual adquire forma material, o invisível torna-se visível e as realidades internas ganham expressões externas, a liturgia não pode ser meramente espiritual. Ela necessita de formas de expressão (Ausdrucksformen), como a matéria ou o tempo, porque todas estas se tornam símbolos de realidades espirituais. Todo estado espiritual que rejeita ou exclui o corpo e a matéria é inadequado para a liturgia. A criação de símbolos só pode ocorrer na tensão entre monismo e dualismo. As realidades espirituais precisam dessas coisas para se expressarem, mesmo que permaneça o perigo constante de que se conectem demais às coisas e, por meio disso, se materializem. Sem essa conexão, porém, a religião não pode sobreviver.⁴⁵

Influência da cultura: A cultura ou a civilização não podem criar uma religião. Mas são necessárias para Guardini, pois “a cultura é um *modus operandi* para a liturgia.”⁴⁶ “A cultura preserva a vida espiritual dos elementos nocivos, excêntricos e unilaterais. [...] A cultura permite que a religião se expresse e a ajuda a distinguir o essencial do supérfluo, os meios do fim e o caminho da meta.”⁴⁷ Portanto, a oração também deve estar relacionada ao mundo e à vida de hoje. No entanto, deve se expressar de uma maneira aceitável para o ser humano de uma cultura específica. Embora as culturas possam mudar de país para país, as formas litúrgicas não mudam. Isso significaria que a cultura influencia apenas as formas das devoções populares, mas não as da liturgia? Em certo sentido, o cristianismo encontra-se em constante contradição com os tempos modernos. Isso não significa, porém, que os tempos modernos não tenham nada a oferecer à religião e à liturgia. Guardini insiste que a liturgia precisa ser sustentada por uma cultura autêntica. Cultura não é sinônimo de conhecimento, mas sim uma forma de pensar e viver profundamente enraizada em tudo o que tem efeito externo sobre o indivíduo.

⁴⁵ Cf. GUARDINI, *Liturgie und liturgische Bildung*, 55.

⁴⁶ GUARDINI, *Vom Geist der Liturgie*, 29.

⁴⁷ GUARDINI, *Vom Geist der Liturgie*, 30.

Concluímos: a obra litúrgica de Guardini não se concentra primordialmente em mudar a liturgia, mas sim em transformar a postura espiritual dos fiéis, da qual a liturgia emana. O importante não são os detalhes em si, mas a totalidade do ato litúrgico e seus fundamentos. Guardini não foi um reformador no sentido tradicional do termo. A essência da formação litúrgica reside no reaprendizado, pelos seres humanos, de capacidades humanas fundamentais que foram esquecidas nos tempos modernos. Podemos expressar isso em uma palavra: *Liturgiefähigkeit* (capacidade litúrgica).

3.4 Joseph Ratzinger e o novo movimento litúrgico

Enquanto Romano Guardini explicou os fundamentos da renovação litúrgica em diversos estudos, Ratzinger não oferece uma elaboração tão sistemática.⁴⁸ Identificar sua concepção de reforma litúrgica exige, antes de tudo, a coleta de todas as informações necessárias. Embora o tema da liturgia esteja presente em toda a obra de Ratzinger, o número de publicações que tratam explicitamente de temas litúrgicos é modesto. Geralmente são respostas a certas questões ou abusos litúrgicos.

Após a publicação da *Sacrosanctum Concilium* e dos primeiros livros litúrgicos reformados, surgiu uma certa crítica em relação à reforma litúrgica pós-Vaticano II.⁴⁹ Essa crítica não se referia apenas ou principalmente a mudanças cerimoniais, mas sim à compreensão dos princípios mais importantes que norteavam a reforma. Os críticos observaram que o desenvolvimento natural da liturgia implica continuidade na história litúrgica e que a própria natureza da liturgia proíbe mudanças radicais.⁵⁰

Ratzinger afirma que, em muitos casos, certas tendências ideológicas receberam maior consideração do que a *editio typica* de um livro litúrgico. Um exemplo de ponto negligenciado pelos reformadores, segundo Ratzinger, é o calendário litúrgico pós-conciliar. Ele está convencido de que, no processo de reforma, as conexões básicas entre o ritmo da vida humana e o ritmo do tempo, tal como deveria ser representado pelo calendário litúrgico, não foram levadas em consideração. Conexões que

⁴⁸ Cf. BLÁZQUEZ PÉREZ, *Liturgia y Teología en Joseph Ratzinger*, 297.

⁴⁹ Um bom resumo dois anos após a publicação de *Sacrosanctum Concilium*: Christophe Geffroy, Benoît XVI et “la paix liturgique”, Cerf, Paris 2008, 111-161.

⁵⁰ Por exemplo, KLAUS GAMBER, *Ritus modernus: gesammelte Aufsätze zur Liturgiereform*, SPL 4, Friedrich Pustet Verlag, Ratisbona 1972).

existiam há séculos e que se tornaram parte da relação humana com a natureza e o tempo foram alteradas num instante, desconsiderando todos os outros princípios, exceto os teológicos.⁵¹

Segundo Ratzinger, a principal característica da liturgia é o seu desenvolvimento orgânico. A liturgia não admite mudanças radicais e repentinas; pelo contrário, uma forma litúrgica deve surgir de outra. Ele compara isso ao crescimento de uma planta. A interpretação do conceito de ‘participação ativa’ desviou toda a discussão litúrgico-teológica sobre os modos de participação no ato litúrgico. Esse conceito está intimamente ligado à reforma conciliar, embora já tivesse sido utilizado muito antes em relação à liturgia.⁵²

Ratzinger interpreta o conceito de participação ativa como um processo interior. “A verdadeira ação ocorre nas profundezas do coração dos homens.”⁵³ “O efeito da liturgia não pode ser alcançado de maneira puramente externa.”⁵⁴ Desse mal-entendido sobre a participação ativa decorre a opinião de que tudo na liturgia está subordinado à utilidade e que tudo deve servir a um propósito na celebração litúrgica. Contudo, aplicar tal princípio significa que tanto o mistério quanto a beleza desaparecem da liturgia.⁵⁵

Tal lista de problemas pode ser considerada chocante. De fato, muitos críticos têm expressado preocupações sobre as ideias de Ratzinger. Para oferecer uma visão equilibrada do veredicto de Ratzinger sobre a implementação da reforma litúrgica do Vaticano II, precisamos reconhecer que ele também encontra e aprecia muitos elementos positivos no Missal pós-Vaticano II.⁵⁶ O pensamento litúrgico de Ratzinger foi recebido de diferentes maneiras: aos olhos de muitos, ele é visto como insatisfeito

⁵¹ RATZINGER, *Das Fest des Glaubens* [A Festa da Fé], 73.

⁵² O conceito de ‘participação ativa’ foi mencionado já em 22 de novembro de 1903 pelo Papa Pio X em seu motu proprio *Tra le sollecitudini* sobre música sacra. O conceito, no entanto, foi usado com uma ênfase diferente da maneira como é geralmente empregado hoje. O conceito se refere principalmente à restauração do canto gregoriano e não, como é entendido hoje, ao envolvimento físico da assembleia no ato litúrgico.

⁵³ RATZINGER, *Das Fest des Glaubens*, 80.

⁵⁴ RATZINGER, *Das Fest des Glaubens*, 80-81.

⁵⁵ RATZINGER, *Das Fest des Glaubens*, 79-81. RATZINGER, *Der Geist der Liturgie*, 147-152.

⁵⁶ RATZINGER, *Unterschiedliche Liturgien - Ein Reichtum für die eine Kirche*.

com a reforma litúrgica conciliar como um todo, enquanto outros apreciavam suas ideias.

Ratzinger discute dois conjuntos de razões para isso: razões que surgem de dentro da Igreja e as que surgem de fora. Ele chegou a mencionar duas maneiras de interpretar o Concílio: para uma, os textos do Concílio representam a continuidade da fé, enquanto a outra quer ir além dos textos.⁵⁷

Podemos encontrar alguns exemplos do emprego de uma hermenêutica inadequada também na explicação de Ratzinger, quando escreve: “Neste progresso real que produziu o Movimento litúrgico – orientado para o Vaticano II e a *Sacrosanctum Concilium* –, havia também um perigo: o desprezo pela Idade Média como tal, pela teologia escolástica como tal. A partir deste momento havia dois caminhos. Na teologia e no platonismo litúrgico, alguns reformadores se apegaram a uma ideia unilateral que rejeitava o desenvolvimento da Idade Média como teologia escolástica.”⁵⁸ O resultado foi uma tendência para uma liturgia arqueológica.⁵⁹ Dentro dessa visão, a história da liturgia não era considerada uma progressão contínua, mas um período histórico que era considerado ideal e os desenvolvimentos históricos subsequentes eram ignorados. Isso ocorreu não apenas em nível histórico, mas também em nível teológico.

A hermenêutica da reforma, como expressou o Papa Bento XVI em seu discurso, sustenta que a tarefa do Concílio era respeitar a doutrina e expressá-la de uma maneira que correspondesse ao nosso tempo. Isso se refere às novas formas, mas não ao novo conteúdo.⁶⁰

Ratzinger explica que, após o Concílio, os estudiosos da liturgia atribuíram a si mesmos uma autoridade que não lhes pertencia. Mesmo o Papa tem limitações nessa questão, pois não é um monarca absoluto que pode

⁵⁷ Joseph RATZINGER, „40 Jahre Konstitution über die heilige Liturgie. Rückblick und Vorblick”, LJ 53 (2003): 209-221.

⁵⁸ RATZINGER, “Balance y perspectivas” 498.

⁵⁹ RATZINGER, “Balance y perspectivas”, 498-499: “Dom Casel se mostró muy exclusivista a favor de la teología patristica, tal y como él la veía, y del platonismo litúrgico, tal y como él lo pensaba. Estas ideas unilaterales fueron posteriormente popularizadas como consignas muy tristes y muy peligrosas; así se decía entonces, y me acuerdo bien: ‘El pan consagrado no es para ser mirado con los ojos, sino para ser comido’ [...]. Hubo un rigorismo y un arqueologismo litúrgicos [...] Guardini se distanció de María Laach porque él defendía el Rosario, el Vía Crucis, la adoración eucarística, mientras que los demás tenían una posición estricta que ya no admitía estos ulteriores desarrollos.”

⁶⁰ RATZINGER, *Ein neues Lied für den Herrn*, 146-147.

fazer mudanças arbitrárias.⁶¹ Isso seria contrário à própria natureza da liturgia. Os estudiosos sentiram-se autorizados a implementar quaisquer mudanças que desejassem e, assim, impediram um longo período de crescimento orgânico.⁶² Foram influenciados principalmente por ideias teológicas consideradas modernas e progressistas na época em que foram introduzidas na prática litúrgica, como o entusiasmo arqueológico e o pragmatismo pastoral.⁶³

A celebração litúrgica também passou a ser avaliada segundo sua utilidade para o indivíduo, e o sujeito principal da liturgia tornou-se a comunidade celebrante em vez de Deus. Essa tendência foi complementada por uma interpretação quase deísta da relação entre Deus e os humanos: não se podia mais imaginar que as ações humanas pudessem ofender a Deus e, conseqüentemente, não havia necessidade de expiação. A liturgia e o sacrifício perderam seu significado e importância.⁶⁴ Todos esses fatores levaram à fragmentação e destruição da liturgia, porque ela não refletia mais a presença do mistério, mas sim as experiências religiosas da congregação. Em contraste, Ratzinger enfatiza que “a liturgia não é uma expressão da consciência da comunidade [...] É a revelação recebida na fé e na oração, e sua medida é, conseqüentemente, a fé da Igreja, na qual a revelação é recebida”.⁶⁵

3.5 Propostas de Ratzinger para uma Renovação Litúrgica

Uma reforma é um processo complexo; envolve mais do que elementos antigos e novos e sua relação. Trata-se, antes, de uma mudança de mentalidade ou de forma de pensar que produz resultados concretos, por vezes até mesmo empiricamente mensuráveis. A reforma não ocorre primordialmente no nível empírico, mas sim nos níveis espiritual e racional.

Originalmente, a reforma significava um processo espiritual, muito semelhante ao arrependimento. Quando a reforma se dissocia do árduo trabalho do arrependimento e busca a salvação meramente mudando outros elementos, criando formas sempre novas e se adaptando aos tempos,

⁶¹ Cf. RATZINGER, *Der Geist der Liturgie*, 142-143; Cf. Ratzinger, *Prefácio*, 10.

⁶² RATZINGER, *Das Fest des Glaubens*, 73.

⁶³ RATZINGER, *Prefácio*, 11-12.

⁶⁴ RATZINGER, *Ein neues Lied für den Herrn*, 50-51. Cf. BLÁZQUEZ PÉREZ, *Liturgia e Teologia em Joseph Ratzinger*, 305-307.

⁶⁵ RATZINGER, *Theologie der Liturgie*, 556.

então, apesar das muitas inovações úteis, ela se torna uma caricatura de si mesma. Tal reforma só pode tocar em coisas de importância secundária na Igreja.

Essa transformação interna do arrependimento encontra sua aplicação nas palavras, nos atos ou no comportamento geral da pessoa. Essas são, contudo, apenas formas externas da mudança interior. Tais formas são importantes para concretizar o arrependimento, mas não têm um papel primordial no processo; caso contrário, como explica Ratzinger, o arrependimento ou a reforma abordariam questões de importância secundária e não o essencial.

Para que as pessoas alcancem essa transformação interior, elas precisam ser auxiliadas. É neste ponto que Ratzinger começa a falar sobre o significado primordial da reforma litúrgica como formação. Vimos que Romano Guardini considerava a formação o principal desafio do período pós-Vaticano II e que exortava seus colegas a pensar a reforma litúrgica primordialmente em termos de formação. Embora não encontremos nenhuma conexão direta com relação a essa interpretação da reforma litúrgica, considerando a influência geral de Guardini no pensamento de Ratzinger. Ratzinger explica que a reforma litúrgica do Vaticano II possui três características principais que são adequadas a qualquer reforma litúrgica. São elas: *Verständlichkeit* (compreensão), *Teilhabe* (participação) e *Einfachheit* (simplicidade).⁶⁶

Traduções ou traduções explicativas não são suficientes, pois a comunidade celebrante precisa estar ciente também do significado teológico do ato litúrgico.⁶⁷ Embora a compreensibilidade da liturgia seja um dos pontos importantes da reforma do Vaticano II, o Concílio também estava ciente de que o ato litúrgico, ao mesmo tempo, ultrapassa os limites da compreensão, pois é um mistério. O mistério de Deus presente na ação litúrgica não pode ser explicado.

A participação ativa não significa primordialmente que o indivíduo deva se unir às orações proferidas, mas sim que o ato de orar pode ser realizado como uma ação interna. Aqui, Ratzinger se refere a Joseph Pascher: não basta observar as rubricas, mas cumprir a exigência interior das rubricas

⁶⁶ RATZINGER, „40 Jahre Konstitution über die heilige Liturgie. Rückblick und Vorblick“, *Liturgisches Jahrbuch* =LJ 53 (2003): 209-221.

⁶⁷ Com relação à principal preocupação de Guardini, explicada no Capítulo 2, a questão mais importante da reforma litúrgica pós-conciliar é possibilitar que as pessoas realizem esse ato.

(orações): o que os próprios textos litúrgicos exigem.⁶⁸ Participação ativa significa cooperação com a ação divina. A ação humana dá precedência à *actio* divina para que possa mergulhar no mistério através do qual cada indivíduo será transformado no Logos.⁶⁹ Participação ativa significa que o indivíduo permite que Deus transforme sua existência e a eleve a um nível superior, um nível no qual a unidade com a liturgia celeste e com o próprio Cristo possa ser plenamente realizada.⁷⁰ A participação é também um conceito importante expresso, por exemplo, na *Sacrosanctum Concilium* 19, onde, à semelhança de Ratzinger, o Concílio enfatiza tanto a participação interior quanto a exterior. O Papa Bento XVI retoma essa ideia na *Sacramentum Caritatis* 52, pedindo que o termo “seja compreendido em termos mais substanciais, com base numa maior consciência do mistério que se celebra e da sua relação com a vida diária”.⁷¹

Simplicidade significa que tudo na liturgia deve servir ao seu propósito principal: a adoração a Deus.⁷² A simplicidade deve ser explicada para que se possa desvendar e internalizar o que os olhos veem e o coração experimenta.⁷³ De acordo com o documento litúrgico conciliar, o objetivo do critério da simplicidade dos ritos é auxiliar na compreensão e na participação.

Segundo Ratzinger, uma reforma não pode ser uma mudança nos ritos ou nas rubricas, nem pode significar a invenção de novos ritos. Quando, em uma determinada situação histórica, o objetivo principal da liturgia se obscurece e atinge a assembleia apenas com dificuldade, o primeiro passo deve sempre ser a formação dos fiéis. Aqui, Ratzinger parece sugerir que, quando a liturgia não é recebida adequadamente, é provável que o problema não esteja nos ritos, mas na incapacidade humana de percebê-la. Portanto, a tarefa é encontrar novas maneiras pelas quais os fiéis possam

⁶⁸ RATZINGER, “40 Jahre Konstitution”, 219.

⁶⁹ RATZINGER, *Der Geist der Liturgie*, 147-152. RATZINGER, „‘Der Geist der Liturgie’ oder: die Treue zum Konzil. Antwort an Pater Gy», LJ (2002): 111-115, especialmente 111.

⁷⁰ RATZINGER, “40 Jahre Konstitution”, 220.

⁷¹ BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, 52.

⁷² O conceito de adoração é muito importante em toda a teologia da liturgia de Ratzinger, pois ele acredita que esse conceito expressa da maneira mais apropriada o que a liturgia representa. É a adoração a Deus. Mais sobre isso: BLÁZQUEZ Pérez, “Liturgia y Teología en Joseph Ratzinger”, 307-313.

⁷³ RATZINGER, “40 Jahre Konstitution”, 221.

ver novamente o que é a liturgia, quais são seus principais elementos, objetivos e ferramentas, e como estes servem a um único propósito: a adoração a Deus. A direção da reforma litúrgica é oposta à que se poderia esperar: a liturgia não deve ser formada segundo o indivíduo, mas o indivíduo deve ser formado para compreender a liturgia e, por meio dessa compreensão, participar dela. É por isso que o aspecto mais importante da reforma litúrgica é a formação.⁷⁴

Para Ratzinger, uma irreligiosidade generalizada pode ser derivada da má interpretação do papel da liturgia na vida da Igreja. Na Conferência Litúrgica de Fontgombault, em 2001, Ratzinger expressou a opinião de que existem três questões especialmente importantes e que devem ser alteradas imediatamente. Essas alterações são: a rejeição de uma falsa criatividade, a correção de traduções errôneas e a questão da celebração *ad Orientem*.⁷⁵

O uso de vestes litúrgicas também foi frequentemente comentado. O Papa Bento XVI usou tanto casulas tradicionais quanto modernas. No final de seu pontificado, ele chegou a retomar o uso do fanon⁷⁶, que havia sido deixado de lado pelo Papa Paulo VI. De modo geral, durante esse período, os observadores notaram uma grande variedade de vestes e estilos litúrgicos. O Papa Bento XVI quis expressar seu apreço tanto pelos estilos antigos quanto pelos novos.⁷⁷

Assim, a teologia da liturgia de Joseph Ratzinger constitui um sistema de pensamento complexo, que incorpora disciplinas teológicas que vão da dogmática à história, e da filosofia à antropologia. Nela, reconhece-se a mente de um teólogo sistemático, uma vez que ele aborda a liturgia de maneira sistemática.

A análise das ideias de Guardini e Ratzinger sobre a reforma da liturgia mostra que eles utilizam conceitos semelhantes. A natureza específica da liturgia como lugar de encontro com Deus é importante para ambos e,

⁷⁴ RATZINGER, Gott und die Welt, 448. “Em primeiro lugar, acima de tudo, é um processo educativo, que poria fim a essa profanação da liturgia com invenções próprias [...] Trata-se de um impulso que emana de pessoas que celebram uma fé viva.” RATZINGER, *Das Fest des Glaubens*, 80.

⁷⁵ RATZINGER, “Balance y perspectivas”, 499-500.

⁷⁶ O fanon papal é um ornamento litúrgico específico do Romano Pontífice, consistindo em uma mozeta dupla de formato circular feita de tecido branco fino com listras perpendiculares em vermelho e dourado.

⁷⁷ GRIBBIN, *Papa Bento XVI e a Liturgia*, 133-135.

portanto, deve ser preservada. Ambos falam sobre a incapacidade do ser humano de adorar adequadamente e sobre a tarefa de ajudar as pessoas a compreender os símbolos, a linguagem da liturgia e seus próprios papéis nela. Tanto Guardini quanto Ratzinger se referem à formação como a principal tarefa.

Através da formação litúrgica, tanto o clero quanto os fiéis adquirem conhecimento teórico e habilidade prática para celebrar a liturgia e realizar o ato litúrgico no qual se concretiza o encontro pessoal com Deus. A reforma litúrgica implica, primordialmente, uma compreensão abrangente dos fenômenos teológicos, históricos e culturais que afetam a realização da ação divina na liturgia e a participação dos seres humanos nela.

Na definição de Guardini, vemos a ideia de que os seres humanos têm o papel decisivo na celebração litúrgica: a iniciativa é deles, eles realizam os ritos litúrgicos, podem definir seus elementos e, no fim, embora a liturgia glorifique a Deus, permanece em um plano muito terreno, na medida em que se centra na pessoa ou comunidade que celebra: sua vida, sua postura espiritual e sua salvação. Na definição de Guardini, Deus aparece primordialmente como o objeto e o receptor do ato de culto.

Ratzinger proporciona uma compreensão da liturgia como possuidora de um caráter transcendental e cósmico. Ela não é meramente algo que pertence à Igreja; ao contrário, pertence em sua plenitude ao reino celestial, até mesmo a Cristo, mas envolve também toda a criação, tanto em seus níveis naturais quanto transcendentais.

A liturgia, portanto, adquire um significado diferente daquele que possui para Guardini, e fica claro que Ratzinger aborda a pastoral a partir de uma perspectiva teológica – utilizando, primordialmente, argumentos teológicos. Ratzinger estabelece como pedra angular de seu pensamento a ideia de que a liturgia é obra de Jesus Cristo, o mistério pascal.

Guardini não nega o papel decisivo de Cristo na liturgia. Em vez disso, ele a vê de um ponto de vista antropológico, buscando definir o papel do ser humano e da comunidade na ação litúrgica e identificar os frutos de sua participação. Ratzinger, no entanto, enfatiza completamente Cristo como o único portador da ação litúrgica.

Com relação ao que é objetivo ou subjetivo na liturgia, Ratzinger adota uma posição diferente da de Guardini.

Por que a liturgia é tão autônoma em face da influência humana e o que lhe pertence de fato, Ratzinger explica da seguinte forma em *O Espírito da Liturgia*. A expressão mais apropriada para liturgia é *logiké latreia*,

que Ratzinger traduz como *logosgemäßer Gottesdienst* (Culto a Dios racional = conforme o Logos).⁷⁸ Nesse termo, expressa-se não apenas a referência a Cristo, o Logos, mas também a transformação humana pessoal. Ratzinger explica o significado original do termo *logiké latreia* da seguinte forma: “O sacrifício é a ‘palavra’, a palavra da oração, que sobe do homem para Deus, incorporando toda a existência do homem e permitindo que ele se torne ‘palavra’ (logos) em si mesmo.”⁷⁹

4. Elementos importantes para a liturgia segundo Joseph Ratzinger

4.1 Os dois Missais celebram o mesmo sacrifício de Cristo.

Bento XVI: “Não há qualquer contradição entre as duas edições [...] só existe uma Missa. O rito reformado tem raízes profundas na tradição. E o rito antigo, quando celebrado em obediência, enriquece o horizonte da Igreja.”⁸⁰ A substância sacramental é idêntica: Cristo é oferecido, presente, imolado de modo incruento em ambas as formas.

A Missa de Paulo VI não foi uma imposição. Foi um ato legítimo do Magistério, acolhido pela Igreja inteira. O Missal de São Paulo VI contém toda a dignidade, arte e solenidade necessárias para elevar a alma a Deus. A beleza da celebração depende sempre daqueles que organizam e participam na Missa. O Missal de Paulo VI não é antropocêntrico: é cristocêntrico e teocêntrico. Basta ler as orações eucarísticas, os prefácios, as coletas – tudo converge para Deus Pai, pelo sacrifício de Cristo, na ação do Espírito Santo.

Bento XVI dizia que o problema pós-conciliar não foi o Concílio, mas a interpretação errada de seu espírito. O mesmo vale para a liturgia: a deformação de certas partes não é argumento contra o rito. O altar da Missa Nova é tão santo quanto qualquer altar da história da Igreja, porque nele é o mesmo Cristo que se oferece. Bento XVI resumiu assim: “O

⁷⁸ RATZINGER, *Der Geist der Liturgie*, 43. Às vezes é traduzido em alemão também com *vernünftiger Gottesdienst*.

⁷⁹ RATZINGER, *Der Geist der Liturgie*, 39.

⁸⁰ SILVA, J.E. *Ibidem*.

verdadeiro fruto da liturgia é a santidade dos fiéis. Quanto mais a liturgia é vivida interiormente, mais ela produz santos”⁸¹.

Se a Igreja quer chegar a uma conciliação interna nas questões litúrgicas, precisa ter clareza sobre a matéria, especialmente nos seguintes pontos:

4.2 Sacralidade

Um rito, pode ser muito belo, mas para que aconteça a ação divina e a efusão da graça sacramental, do celebrante espera-se humildade, obediência às normas e temor de Deus, o que expressa a sacralidade. Nada é mais essencial ao cristianismo do que ser a reconciliação da humanidade com Deus, uma reconciliação que o próprio Deus realiza.

O respeito é uma atitude reverente porque o celebrante provoca uma ação divina, sendo ele um simples cooperador. As normas litúrgicas se entendem como um dom dado pela revelação divina e pela aprovação da autoridade legítima e suprema da Igreja. Uma improvisação não é um rito e seria um abuso.

4.3 Participação ativa dos fiéis

O Papa Pio X indicou: “Nosso desejo mais ardente é que o verdadeiro espírito cristão possa florescer novamente e ser mantido em todos os fiéis. Para isso, é necessário, antes de tudo, promover a santidade e a dignidade do templo. Porque nela os fiéis se reúnem para encontrar o espírito cristão na sua primeira e indispensável fonte, que é a participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja”⁸².

Uma ‘participação ativa’ requer primeiro o conhecimento, como afirma SC 14-20.

“É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão, ‘raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido’”. A esta plena e ativa participação de todo o povo cumpre dar especial atenção na reforma e incremento da sagrada liturgia: com efeito, ela é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve levar

⁸¹ *Sacramentum Caritatis*, n. 94.

⁸² Motu proprio *Tra le sollecitudini* (1903), Introdução, Cuadernos Phase 112, p. 36.

os pastores de almas, em toda a sua atividade pastoral, a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida formação.” (SC 14)

O Concílio Vaticano II nos propôs, como pensamento guia para a configuração da liturgia, a expressão *participatio actiuosa*, isto é, a participação ativa de todos no “opus Dei”, ou seja, ao evento cultural. E isto, com toda razão, o *Catecismo da Igreja Católica* chama nossa atenção para o fato de que a palavra “liturgia” nos fala de um serviço comunitário que se refere, então, a todo o povo de Deus (CIGC, n. 1069). Ratzinger interpreta a ‘participação ativa’ como oração, quando escreve:

Mas em que consiste esta participação ativa? O que se deve fazer? Infelizmente, a expressão bem cedo foi mal-entendida em um sentido exterior e foi reduzida à necessidade de um agir comum, quase como se tratasse de fazer entrar em ação o maior número possível de pessoas o mais rápido possível de um modo visível a todos. Mas a palavra “participação” reenvia a uma ação principal a que todos devem tomar parte... qual seja esta “actio” essencial e central à qual todos os membros da comunidade devem tomar parte. O estudo das fontes litúrgicas nos possibilita uma resposta que talvez, à primeira vista pode surpreender, mas que resulta, totalmente, óbvia se forem tomadas as causas dos fundamentos bíblicos. Por “actio” da liturgia se entende, nas fontes, o Cânon eucarístico. A verdadeira ação litúrgica, o verdadeiro ato litúrgico, é a oratio, a grande oração que constitui o coração da Celebração eucarística que, por isto, foi definida pelos Padres no seu conjunto com o termo *oratio* [...], porque, exatamente, o núcleo essencial da liturgia cristã se realiza na *oratio*.⁸³

O silêncio serve como caminho comunitário para dentro, como um interiorizar a palavra e o sinal, como um sair das funções que escondem o essencial, é – segundo quanto considerado há pouco – indispensável para uma verdadeira *actiuosa participatio*.

4.3 Nobre simplicidade

O Concílio fala de “nobre simplicidade” (SC 34). E, antes de mais nada, é preciso dizer que simplicidade não é o mesmo que simplista ou vulgar. “A simplicidade do Cenáculo possui uma profundidade e amplitude de tirar o fôlego; resume, nesse único gesto, toda a história da adoração e da fé da humanidade.”⁸⁴ Essa simplicidade da qual Joseph Ratzinger fala não é buscada por meio da imitação do contexto externo da Última Ceia, mas

⁸³ RATZINGER, *Teología de la liturgia*, 97.

⁸⁴ RATZINGER, *Teología de la liturgia*, p. 522.

sim pelo mistério sagrado que o espírito continha naquele dia. Ele também destaca que a simplicidade não é, de modo algum, dessacralização, como foi interpretado em muitos lugares, dando lugar apenas ao pragmatismo.⁸⁵

A simplicidade não é incompatível com a beleza; aliás, o adjetivo “nobre” evoca, de certa forma, beleza e solenidade. “O significado da liturgia só será transparente na simplicidade e na sobriedade.”⁸⁶

O valor da Missa, dom de Deus para a humanidade, deve transparecer em sua simplicidade. Com sobriedade, mas com a profunda alegria que provém da redenção proporcionada por Jesus Cristo. Um dos grandes abusos sofridos pela liturgia no período pós-conciliar foi o despojamento de sua solenidade, considerando tudo como mera pompa e relegando a beleza e a majestade do culto divino a questões superficiais. Despojada dessas qualidades, a liturgia torna-se uma performance humana, e assim começa seu declínio.

4.4 *Ars celebrandi*

Escutemos também aqui a voz de Joseph Ratzinger:

“Na *ars celebrandi* existem várias dimensões. A primeira é que celebratio é oração e conversa com Deus, de Deus para nós e de nós para Deus. Portanto, o primeiro requisito para uma boa celebração é que o sacerdote realmente se envolva nessa conversa. Ao anunciar a Palavra, ele próprio se sente em diálogo com Deus. Ele é um ouvinte da Palavra e um proclamador da Palavra, no sentido de que se torna um instrumento do Senhor e procura compreender esta palavra de Deus, que deve então transmitir ao povo. [...] São Bento, na sua “Regra”, falando da oração dos Salmos, diz aos monges: “hominis concorde voci”. A voz, as palavras precedem nossa mente. Normalmente não é assim. Primeiro devemos pensar e então o pensamento se torna palavra. Mas aqui a palavra vem primeiro. A sagrada liturgia nos dá as palavras; devemos entrar nessas palavras, encontrar harmonia com essa realidade que nos precede. Parece-me que as pessoas percebem se estamos realmente em conversa com Deus.”⁸⁷

⁸⁵ Cf. RATZINGER, *Teología de la liturgia*, p. 522.

⁸⁶ MARINI, *Liturgia y Belleza*, p.112.

⁸⁷ BENTO XVI, *Discurso aos sacerdotes em Castel Gandolfo* 2009.

4.5 Beleza

Às três categorias fundamentais explicadas por Joseph Ratzinger, poderíamos acrescentar a beleza na liturgia. O *Sacrosanctum Concilium* no número 122 afirma:

“Entre as mais nobres atividades do engenho humano, incluem-se com razão as belas-artes, especialmente a arte religiosa e seu ápice, a arte sacra. Estas, por sua natureza, estão relacionadas à infinita beleza de Deus, que procuram expressar de alguma forma por meio de obras humanas.”⁸⁸

Artistas, ministros e fiéis devem se esforçar sempre pela perfeição da beleza como manifestação da beleza de Deus. “O decoro da Liturgia manifesta a fê no mistério presente e contribui eficazmente para mantê-lo vivo tanto nos ministros sagrados como nos fiéis.”⁸⁹

A beleza na liturgia deve ser uma manifestação da beleza de Deus. Aliás, a beleza não pode ser considerada um luxo. Como aponta Nicola Bux, ela é uma forma de manter a liturgia viva e, portanto, nossa relação com Jesus Cristo. Os seres humanos sempre tenderão a buscar o que é bom, verdadeiro e belo; portanto, se não cultivarmos a beleza em nossas celebrações litúrgicas, o interesse tanto do ministro quanto dos fiéis diminuirá gradualmente.

O Papa Bento XVI lembrou, durante uma celebração na Catedral de Notre Dame, em Paris, que: “A beleza dos ritos nunca será suficientemente requintada, cuidadosamente elaborada ou complexa, porque nada é belo demais para Deus, que é a Beleza infinita. Nossas liturgias terrenas só podem ser um pálido reflexo da liturgia celebrada na Jerusalém celestial, o objetivo de nossa peregrinação terrena.”⁹⁰ Devemos esforçar-nos por torná-las o mais belas possível, para que a liturgia terrena seja vivida como a liturgia é vivida no céu.

“Para compreender a beleza da liturgia, é necessário partir da concepção da Igreja. A Igreja ‘está em Cristo como sacramento, isto é, sinal e instrumento de íntima união com Deus e da unidade de toda a humanidade’. A Igreja,

⁸⁸ CONCÍLIO VATICANO II: *Sacrosanctum Concilium*.

⁸⁹ BUX, Nicola: Como ir à missa e não perder a fê, pp. 180-181.

⁹⁰ BENTO XVI: *Celebração das Vésperas na Catedral de Notre -Dame de Paris*, 12 set. 2008. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/es/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080912_parigi-vespri.html. Acesso em: 16 jul. 2026.

portanto, por ser um ‘sinal’, torna possível, de alguma forma, perceber Cristo como sacramento da salvação.”⁹¹

A beleza da liturgia é a beleza da Igreja, o sacramento de Cristo. Portanto, a liturgia será sempre bela, porque é celebrada in persona Christi, com o sacerdote como cabeça e o povo como corpo místico. O ato redentor de Cristo na liturgia é o gesto mais belo para com a humanidade; tudo o mais serve para realçar o esplendor deste belo ato de salvação.

“A liturgia, por sua própria natureza, exige ordem. A beleza da liturgia é fruto da ordem. A ordem exigida pela liturgia leva em conta diversas realidades: tempo, espaço, relações com os outros; além disso, a liturgia exige ordem até mesmo dentro de nós mesmos.”⁹² O caos que frequentemente observamos em certas ações litúrgicas contradiz seu verdadeiro espírito. A desordem macula a liturgia, banaliza-a e a reduz a um mero encontro entre homens, mas não a um encontro com Deus.

“A beleza e a harmonia da ação litúrgica manifestam-se significativamente na ordem em que cada pessoa é chamada a participar ativamente. Isso implica o reconhecimento das várias funções hierárquicas envolvidas na própria celebração.”⁹³

A ordem é muito importante para a liturgia; a ordem é a maneira de Deus agir, pois Ele criou as coisas com perfeição. Uma das provas tomistas de demonstrar a existência de Deus é através da ordem do universo. Portanto, o Papa Bento XVI, na Exortação *Sacramentum Caritatis* aponta não apenas para a ordem e a harmonia nos movimentos da celebração, mas também para o cumprimento dos deveres de cada pessoa. “Jesus Cristo nos ensina como a verdade do amor pode também transfigurar o mistério obscuro da morte na luz radiante da ressurreição. Aqui, o esplendor da glória de Deus supera toda a beleza mundana. A verdadeira beleza é o amor de Deus, que foi definitivamente revelado no Mistério Pascal.”⁹⁴

5. Perspectivas: O que se deve fazer

Atualmente há muitas questões que devem ser esclarecidas na Igreja Católica. Na matéria da liturgia precisa-se também tratar muitos temas.

⁹¹ MARINI, *Liturgia y Belleza*, p. 110.

⁹² IBID. p. 119.

⁹³ BENTO XVI: *Sacramentum Charitatis*, n° 53.

⁹⁴ BENTO XVI: *Sacramentum Charitatis*, n° 35.

Para que os fiéis possam conhecer a teologia litúrgica e aproximar-se ao Mistério trinitário, podemos remetê-los ao Catecismo da Igreja Católica (nn. 1077-1111), onde encontrarão um bom fundamento sobre a ação divina na liturgia como introdução à teologia litúrgica. Outro tema importante será o estudo das orações litúrgicas, mas tudo isto supera a nossa reflexão neste artigo.

Por tanto, finalizamos a nossa reflexão sobre um tema de rubricas, que requer uma certa tolerância. Tratemos de propor aqui três questões, onde houve muitas controvérsias e divisões polêmicas, para oferecer alguns pontos de vista. São:

1. A posição do Sacrário (tabernáculo) na igreja, se fica no centro ou numa capela lateral;
2. A direção de celebração (*versus populum* ou *versus Deum* – *versus crucem*);
3. A forma dos fiéis receberem a comunhão.

1) **A posição do Sacrário:** Na reforma houve mudanças acerca da posição do sacrário na igreja, que no fundo é consequência da celebração *versus populum*. Para que o sacrário não fique nas costas do celebrante e também porque na abside frequentemente se encontra a cadeira do celebrante, era necessário buscar outra solução para a localização do sacrário. Atualmente, em muitos lugares, o sacrário encontra-se a um lado no presbitério, ou também num altar lateral. Há ainda uma capela lateral, separada do espaço da igreja, onde se guarda a Eucaristia e as pessoas podem ir para a oração pessoal ou para a Adoração eucarística.

Junto com o desaparecimento do sacrário do centro da igreja chegou-se também a dar um novo conceito ao edifício da igreja: ‘a igreja é o lugar da reunião da assembleia ou do povo de Deus’. Este conceito de igreja é funcional. O edifício é necessário para servir para a celebração da Missa e dos outros sacramentos. O centro do edifício é o altar, símbolo de Cristo, onde se oferece a Deus o sacrifício.

O conceito tradicional do edifício da igreja, chamado ‘casa de Deus’, é o lugar onde Deus habita. Ahí precisamente o sacrário está em um lugar central, para onde se dirige a atenção dos fiéis. Se Deus habita ali, as pessoas entram na igreja para orar, também quando não há celebração litúrgica. Ter o sacrário no centro da igreja destaca mais o valor da

Eucaristia: onde se cultiva a Adoração eucarística – considera-se mais a centralidade da Eucaristia.

A posição do sacrário é questão da arquitetura na construção de uma igreja, mas certamente deve prevalecer o simbolismo teológico antes de buscar uma solução prática. Não se pode negar que um belo sacrário numa posição central na igreja favorece a fé na presença real de Cristo no sacramento. “O que é eliminado do centro, se considera secundário psicologicamente. [...] O erro foi descuidar a Verdade que Jesus Cristo está sempre presente na Eucaristia”⁹⁵ Hoje já não se coloca o tabernáculo sobre o altar, mas, na linha do Concílio de Trento, são Carlos Borromeo afirmou de colocar o tabernáculo no altar, confirmado pelo Papa Pio XII: “Separar o tabernáculo do altar equivale a separar duas coisas que na força da sua natureza devem permanecer unidas”.⁹⁶

2) **A direção de celebração:** Joseph Andreas Jungmann concorda com Ratzinger sobre o alinhamento entre sacerdote e povo, que oram juntos em direção ao Senhor e, portanto, não se fecham em círculo, nem se olham uns para os outros, mas vão a Cristo como um povo peregrino de Deus. Ao capítulo da celebração *Ad orientem* que Ratzinger explica no seu livro, responde, por exemplo, o beneditino Angelus A. Häußling quem defende a celebração versus populum com a seguinte explicação:

“[Segundo Ratzinger] Sacerdote e assembleia devem contemplar juntos a cruz. Na Oração Eucarística, não devem olhar um para o outro, mas juntos para Ele — contemplar o transpassado (Zac 12,10; Ap 1,7). [...] Se houver uma ‘imagem’, então que seja verdadeira, não uma ‘sombra’, e duradoura, não uma coisa. A ‘verdadeira imagem da Eucaristia’ é a própria comunidade celebrante, como uma assembleia festiva de pessoas que, em amor fraternal, se identificam como o Corpo de Cristo. [...] Então, segundo Ratzinger, os sinais gestuais e materiais teriam que ser mais importantes do que as pessoas por quem Cristo morreu. [...] Será que os sinais deste mundo são realmente mais definitivos do que aquilo que significam? ... Sacramentos e instituições da Igreja desaparecem (LG 48) — mas a “res sacramenti” da liturgia certamente permanecerá: o Povo de Deus, unido no amor pelo Espírito do Senhor. Este povo já deveria ter o seu ícone.”⁹⁷

⁹⁵ BUX, *Cómo ir a Misa y no perder la fe*, 67-68.

⁹⁶ Citado em BUX, *ibid.* 69: Pio XII, *Allocuzione al Congresso Internazionale di Liturgia*, Assis-Roma 18-23 de setembro 1956, também MD I,5.

⁹⁷ HÄUSSLING, *Der Geist der Liturgie. Zu Joseph Ratzingers gleichnamiger Publikation*, 391.

Certamente a ‘assembleia’ também é um sinal importante, como afirma Häußling, mas o importante é respeitar a dinâmica segundo a qual o sacerdote deve observar a diferença entre os diversos sinais, em dirigir-se ou ao povo ou a Deus. A assembleia é sinal que representa a Igreja toda, o Corpo místico de Cristo, mas não representa a ‘cabeça’ nem o Deus Pai, a quem se dirige a oração litúrgica. Um crucifixo, sim, embora um sinal material e não uma pessoa viva, representa a Cristo e o seu sacrifício. Mas como Cristo é o caminho para o Pai, a cruz também é símbolo que nos abre o acesso para o Pai. Quer dizer, olhando para cruz olhamos também para o Pai, porque “quem me vê a mim vê o Pai” (Jn 14,9).

A liturgia se constitui essencialmente de sinais (palavras, ações, coisas ou pessoas) que exprimem sensivelmente a verdade e realidade da ação litúrgica, bem como a realizam concretamente. Ora, se a postura concreta, visível do sacerdote deverá exprimir aquilo que ele de fato, nos diversos momentos da liturgia, está realizando – a saber, a relação (ação) dos homens em direção a Deus ou a relação (ação) de Deus em direção aos homens – dever-se-ia notar a diferença. O sacerdote, como mediador, não pode:

- nem constantemente (a partir de Deus) estar voltado para o povo,
- nem constantemente (a partir do povo e com o povo) estar voltado para Deus (para o altar, a cruz, o sacrário, o Oriente).

Para o sacerdote, é importante que viva conscientemente essas duas relações e, por isso, assuma a postura que corresponde à respectiva relação – dentro das possibilidades dadas pelas normas litúrgicas.

* Quando, em nome do povo e com ele, está diante de Deus, voltado para Ele, deve viver realmente a relação pessoal “eu – Tu” ou “nós – Tu” com Deus.

* Quando, como representante de Deus, de Cristo, está diante do povo, voltado para este, deve também viver a relação pessoal “eu – vós” com o povo, com a consciência de ser mediador da parte de Deus para o povo.

Por isso, neste caso, ele olha para o povo (não para o chão nem para o teto, nem tendo os olhos fechados). Quando falo a alguém que está presente, olho para ele. No caso da liturgia (p. ex., na homilia ou na saudação da paz), o sacerdote não fixa os olhos em determinadas pessoas, mas olha ao povo em geral (especialmente para as pessoas que estão nos últimos bancos, para que percebam que ele se dirige também a elas e que ele fale tão alto que também estas pessoas o possam entender).

Essa dupla relação realiza-se concretamente no decorrer da santa missa, como indicaremos aqui apenas uns exemplos:

Procissão de entrada e atos de culto:

O sacerdote (e outros ministros litúrgicos) vai à presença de Deus, adora Cristo no sacrário (genuflexão) ou (se não houver sacrário no presbitério) venera-o através de uma profunda inclinação ao altar como símbolo de Cristo, bem como, sempre, através do beijo e, também pela incensação do altar e da cruz. Aqui, o sacerdote vive a relação do homem para Deus (Cristo).

Sinal da cruz e saudação do povo, com convite à confissão da culpa (ato penitencial):

Na saudação do povo, com a sua resposta (*Dominus vobiscum. Et cum spiritu tuo*), e no convite para a confissão da culpa, o sacerdote, como representante de Cristo, de Deus, está diante do povo, voltado para o povo. (No sinal da cruz, o sentido da ação – e as normas litúrgicas – não o exigem.) [...]

Na proclamação do Evangelho os fiéis dirigem-se para o ambão, onde Cristo, na pessoa do ministro, fala ao povo. É um gesto de respeito e atenção para aquele que fala.

d) A Oração universal ou Oração dos fiéis é uma resposta dos fiéis à Palavra de Deus acolhida na fé (cf. IGMR 69). Mas a estrutura desta Oração universal comporta o movimento em duas direções:

1) O convite por parte do sacerdote dirige-se ao povo; por isso, é conforme o sentido deste ato que o sacerdote se volve para o povo, pois fala ao povo.

2) As intenções são propostas ao povo (“Pela Igreja [...]”, etc.). Por isso, aquele (leitor, diácono) que propõe as intenções está voltado para o povo (A forma literária das intenções assim propostas é, por isso mesmo – em conformidade com o sentido do ato – não a forma de oração dirigida a Deus, mas simplesmente indicando as intenções), enquanto

3) o povo se dirige a Deus com uma invocação ou aclamação comum ou uma oração em silêncio.

4) O sacerdote conclui estas preces com uma oração, com a qual se dirige a Deus em nome do povo.

e) A Oração eucarística:

O movimento vai nitidamente do povo para Deus. O sacerdote dirige a Oração eucarística “a Deus” “em nome de todo o povo santo e de todos os circunstantes” (IGMR 30). É a oferta do santo sacrifício em nome do

povo e com o povo, pois o sacerdote “associa a si o povo no oferecimento do sacrifício a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo” (IGMR 93).

Quando o sacerdote se dirige para Deus, não olha para o povo, porque o povo não é sinal para Deus, para que a oração seja autêntica. Olhando para a cruz é uma imagem ou símbolo para Deus, porque ‘quem vê Jesus, quem vê o crucificado, vê ao mesmo tempo o Pai’. Jesus é o caminho para o Pai, a cruz é como a porta, a través se revela a misericórdia do Pai. Por tanto, é justo dirigir-se à cruz para falar com Deus Pai.

3) **A forma da comunhão dos fiéis** (na mão, na boca, de pé ou de joelhos): Convém-se-ia dar uma explicação sobre o significado de cada gesto, mas este ponto não discutimos aqui, remetemos a *Redemptionis Sacramentum*, que concede aos fiéis o direito e a liberdade da forma como receber a comunhão. Somente pedimos a tolerância de respeitar as diversas formas legítimas. O sacerdote ou a comunidade deveria fornecer os meios para facilitar aos fiéis a que possam utilizar ambas formas de receber a comunhão (por exemplo: colocar um reclinatório para quem quiser ajoelhar-se na comunhão).

Conclusão

Há diversas possibilidades que a Igreja permite. União nem sempre é apenas ‘uniformidade’. A uniformidade nos gestos certamente exprime a união da assembleia, mas não é o único critério. Os exemplos dados simplesmente querem mostrar a necessidade da formação e compreensão do sentido das diversas possibilidades. Quem conhece, também será mais tolerante e respeitoso diante de outras posições.

Será possível uma conciliação das diversas posições litúrgicas e superar as polêmicas? É necessária certamente tal tolerância e admitir que as diversas formas de celebrar, as diversas famílias litúrgicas, celebram o mesmo mistério da salvação, a paixão, morte e ressurreição de Cristo. A ciência litúrgica é uma ciência recente, Santo Tomás não apresentou um tratado litúrgico, nem no tempo da reforma tridentina houve uma penetração das ciências litúrgicas. A liturgia foi uma ciência das rubricas, mas não houve uma teologia litúrgica. Formas e reformas podem realizar-se somente, quando também há uma formação profunda do clero e dos fiéis e uma clara compreensão dos princípios fundamentais e um profundo conhecimento litúrgico.

Abreviações

CIgC – Catecismo da Igreja Católica
HK – Herder Korrespondenz
IGMR – Introdução Geral do Missal Romano
LJ – Liturgisches Jahrbuch
MD – Mediator Dei
RS – Redemptionis Sacramentum
SC – Sacrosanctum Concilium

Bibliografia

- BEAUDUIN, Lambert, *La piété liturgique*, Fides, Montreal 1947.
- BLÁZQUEZ Pérez, Ricardo, “*Liturgia y Teología en Joseph Ratzinger*”, em *El pensamiento de Joseph Ratzinger: Teólogo y Papa*, ed. Santiago Madrigal, San Pablo, Universidad Pontificia Comillas, Madrid 2009, 295-319.
- BUGNINI, Annibale, *La riforma liturgica*, CLV-Edizioni Liturgiche, Roma 1983.
- BUX, Nicola, *Cómo ir a Misa y no perder la fe*, Ed. Alcázar, Buenos Aires 2018.
- GAUDRON, Matthias, *Catecismo católico de la crisis en la Iglesia*, Editorial San José, Bogotá 2023.
- GRIBBIN, Anselm J., *Papa Bento XVI e a Liturgia: Compreendendo os Desenvolvidos Litúrgicos Recentes*, Gracewing, Leominster, Reino Unido 2011.
- GUARDINI, Romano. “Über die systematische Methode in der Liturgiewissenschaft.” *Jahrbuch für Liturgiewissenschaft* 1 (1921): 97-108.
- , *Die Liturgie und die geistige Situation unserer Zeit*, in: *Eucharistiefeier am Sonntag. Reden und Verhandlungen des Ersten deutschen liturgischen Kongresses*. Ed. Johannes Wagner und Damascus Zähringer. Paulinus, Trier 1951.
- . “Der Zusammenhang des christlichen Gebetslebens in unser Gottesdienst.” 85-94 in *Unser Gottesdienst: Überlegungen und Anregungen: Ein Werkbuch*. Ed. Alfons Kirchgässner. Herder, Freiburg 1961.

- GUARDINI, Romano, "Die mystagogische Predigt." 313-322 in: *Unser Gottesdienst: Überlegungen und Anregungen: Ein Werkbuch*. Ed Alfons Kirchgässner. Herder, Freiburg 1961.
- . *Liturgie und liturgische Bildung*. Mainz: Matthias-Grünwald; Ferdinand Schöningh, Paderborn 1992.
- . *Vom Geist der Liturgie*. Mainz: Matthias-Grünwald; Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1997.
- HÄUSSLING, Angelus A., *Der Geist der Liturgie. Zu Joseph Ratzingers gleichnamiger Publikation*, Archiv für Liturgiewissenschaft 43/44 (2001/2002), 362-395.
- KÜRNYEK, Róbert. *The Concept of Liturgical Reform in the Writings of Romano Guardini and Joseph Ratzinger / Pope Benedict XVI: A Comparative Analysis*. Ottawa, Canada, 2016.
- MARINI, Piero: *Liturgia y Belleza*, Desclée de Brouwer, Bilbao 2005.
- SILVA, José Eduardo de Oliveira e, *Em Defesa da Missa Nova*. 1ª ed. Campinas: Ecclesiae, 2025.
- RATZINGER, Joseph – PP. Bento XVI, *Teología de la liturgia*, Obras Completas; vol. XI. BAC, Madrid, 2012.
- . "40 Jahre Konstitution über die heilige Liturgie." Rückblick und Vorblick. LJ 53 (2003): 209-221.
- . *Aus meinem Leben: Erinnerungen 1927-1977*, Deutsche Verlags-Anstalt, München 2006.
- . *Balance y perspectivas*, Obras Completas; vol. XI: 497-506.
- . *Das Fest des Glaubens. Versuche zur Theologie des Gottesdienstes*. Johannes, Einsiedeln 1993.
- . *Der Geist der Liturgie. Eine Einführung*. Freiburg, Herder 2002.
- . 'Der Geist der Liturgie' oder: die Treue zum Konzil. Antwort an Pater Gy, LJ 52 (2002): 111-115.
- . *Prefácio*, em: Alcuin Reid, *The Organic Development of the Liturgy*. Ignatius Press, San Francisco, CA 2005).
- . *Unterschiedliche Liturgien - Ein Reichtum für die eine Kirche. Einführungsvortrag am 24. Oktober 1998 in Rom anlässlich der Wallfahrt von Priestern [...]* <http://www.fssp.org/de/ansprache-von-kardinal-ratzinger-zehnjähriges-bestehen-des-motu-proprio-ecclesia-dei/>
- . *Teoría de los Principios teológicos. Elementos de Teología fundamental*, Herder, Barcelona 1984.

Índice

Introdução	78
1. Natureza da liturgia	79
1.1 Diversas disciplinas da ciência litúrgica	81
1.2 Desenvolvimento legítimo da liturgia	82
Reforma legítima	83
1.3 Princípios para uma reforma, estabelecidos pelo Vaticano II	84
2. Desviações e abusos litúrgicos	87
2.1 Tensão entre modernismo e tradicionalismo	88
a) No modernismo / progressismo:	88
b) Problemas desde o tradicionalismo	89
3. Uma comparação: Romano Guardini e Joseph Ratzinger	92
3.1 Relação entre liturgia e teologia	95
3.2 Elementos da Renovação Litúrgica	100
3.3 A formação litúrgica como núcleo da reforma litúrgica:	101
3.4 Joseph Ratzinger e o novo movimento litúrgico	103
3.5 Propostas de Ratzinger para uma Renovação Litúrgica	106
4. Elementos importantes para a liturgia segundo Joseph Ratzinger	111
4.1 Os dois Missais celebram o mesmo sacrifício de Cristo.	111
4.2 Sacralidade	112
4.3 Participação ativa dos fiéis	112
4.3 Nobre simplicidade	113
4.4 Ars celebrandi	114
4.5 Beleza	115
5. Perspectivas: O que se deve fazer	116
Conclusão	121
Abreviações	122
Bibliografia	122